

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Aline Santos

**O GÊNERO XIANXIA COMO RECURSO DE SOFT POWER CHINÊS:
UMA ANÁLISE DA SÉRIE "AMOR ETERNO" SOB A ÓTICA DAS RELAÇÕES
PÚBLICAS INTERNACIONAIS**

PORTO ALEGRE

2023

Aline Santos

**O GÊNERO XIANXIA COMO RECURSO DE SOFT POWER CHINÊS:
UMA ANÁLISE DA SÉRIE "AMOR ETERNO" SOB A ÓTICA DAS RELAÇÕES
PÚBLICAS INTERNACIONAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas

Porto Alegre
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aline Santos

O GÊNERO XIANXIA COMO RECURSO DE SOFT POWER CHINÊS: UMA ANÁLISE DA SÉRIE "AMOR ETERNO" SOB A ÓTICA DAS RELAÇÕES PÚBLICAS INTERNACIONAIS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas - UFRGS
Orientador

Profa . Dra. Denise Avancini Alves - UFRGS
Examinadora

Profa . Dra. Helenice Carvalho - UFRGS
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por me garantirem o privilégio de uma educação de qualidade desde cedo e pelo incentivo ao aprendizado do inglês, idioma que foi essencial para a realização deste trabalho, e de tantas outras experiências que pude viver. Obrigada também pela oportunidade de, tão jovem, poder conhecer um “novo mundo”, com o qual eu estaria, de alguma forma, conectada para sempre: a China. Ainda em agradecimento à família, obrigada ao meu irmão, que é sempre um amigo com quem posso contar.

Agradeço também ao meu professor orientador, Guibson Dantas, que me inspirou no interesse pela temática e me guiou na jornada deste trabalho.

Obrigada ao Théo e à Flor por todo o amor e companhia na vida, nos últimos anos.

Sou grata ao Gidean, pela atenção às minhas histórias e desabafos, e ao Luís e Alisson pela troca de experiências sobre a academia, comunicação e história.

Aos colegas da Fabico, agradeço pelo acolhimento da Ancina, Stertz, Pedro, Rê e Igri. Em especial à Duda e à Marina, que estiveram comigo desde os primeiros passos deste caminho.

À China, me curvo com admiração e respeito.

多谢¹。

¹ Muito obrigada (duōxiè).

昔者庄周梦为胡蝶，栩栩然胡蝶也，自喻适志与！不知周也。俄然觉，则蘧蘧然周也。不知周之梦为胡蝶与，胡蝶之梦为周与？²

莊周

²Eu, Zhuang Zhou, certa vez sonhei que era uma borboleta, esvoaçando alegremente aqui e ali. Fiquei tão feliz que até esqueci ser Zhuang Zhou. Quando de repente acordei, surpreendi-me por ver que era de fato Zhuang Zhou. Será que Zhuang Zhou sonhou que era uma borboleta ou a borboleta sonhou ser Zhuang Zhou?

RESUMO

Desde o final da década de 1970, a China se abre cada vez mais ao mundo, participando da realidade de outros países. Além da economia, uma das formas com que logra visibilidade é através da exportação de produtos de sua indústria cultural. Entre esses produtos estão séries televisivas de drama - sobretudo do gênero intitulado *xianxia* - presentes no catálogo de grandes plataformas de streaming, como Netflix e Viki. Nosso propósito, através da elaboração deste trabalho, consiste justamente em identificar as características do gênero *xianxia* e, por meio da análise da série Amor Eterno (2017) sob a ótica das relações públicas internacionais, entender como este pode ser configurado como um recurso de *soft power* da República Popular da China. Com o intento de apontar indícios para cumprir com o seu objetivo, o estudo foi norteado pelo conceito de *soft power*, formulado por Joseph Nye (2004), e foi estruturado em três capítulos, de acordo com o desenho metodológico intitulado T.CH.AO., proposto por Dantas (2023): o primeiro, teórico; o segundo, uma contextualização histórica; o terceiro, uma análise do objeto. Conclui-se que Amor Eterno (2017) tem características que permitem construir uma boa imagem da China no exterior, gerando admiração e atração pelo país, pois o gênero do qual faz parte - o *xianxia* - destaca aspectos positivos da milenar e rica cultura do referido país asiático.

Palavras-chave: China. *Xianxia*. *Soft power*. Relações públicas internacionais. *C-drama*.

ABSTRACT

Since the late 1970's, China has been opening itself to the world progressively, taking part in other countries' realities. In addition to the economy, one of the ways it increases its visibility is through the export of their cultural products. Among these products are TV dramas, mainly the so-called xianxia genre, available on big streaming platforms' catalogs, such as *Netflix* and *Viki*. This research, under the concepts of international public relations and by the analysis of the drama *Eternal Love* (2017), intends to identify the characteristics of xianxia genre and understand how it can be described as a soft power resource for the People's Republic of China. With the purpose of indicating evidences to fulfill its objective, the study was guided by the concept of soft power, as formulated by Joseph Nye (2004), and was structured in three chapters, following the methodological scheme entitled T.CH.AO., proposed by Dantas (2023): the first, theoretical; the second, a historical contextualization; the third, the analysis of the object. It concludes that *Eternal Love* (2017) has characteristics that enable it to build a good image of China abroad, generating admiration and attraction, as the genre it is part of – xianxia – highlights positive aspects of the rich and ancient culture of the mentioned Asian country.

Keywords: China. Xianxia. Soft power. International public relations. C-drama.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema da relação entre <i>hard</i> e <i>soft power</i>	17
Figura 2 - Retrato de Confúcio, por Wu Daozi	31
Figura 3 - Imagem com símbolo daoísta <i>yin-yang</i>	33
Figura 4 - Pintura dos “Imortais de Penglai”, por Yuan Jiang (1708)	34
Figura 5 - Obra “Court Lady Tuning the Lute” de Zhou Fang	35
Figura 6 - Mapa da região de Taiwan	45
Figura 7 - Mapa de favorabilidade em relação à China	50
Figura 8 - Pôster de lançamento de Amor Eterno (2017)	58
Figura 9 - Cena com Si Yin, o homem dourado e, ao fundo, Mo Yuan	59
Figura 10 - Cena com Susu e Ye Hua, em seu corpo de dragão diminuído	61
Figura 11 - Cena final com Bai Qian e Ye Hua, no Bosque dos Pessegueiros	63
Figura 12 - Pintura do período Song retratando a prática da reverência	64
Figura 13 - Cena ilustrando Ye Hua prestando reverência ao seu tio	65
Figura 14 - Foto de Xi Jinping se curvando a representantes do PCC	65
Figura 15 - Cena de luta em que Mo Yuan utiliza artes marciais e magia	66
Figura 16 - Cena em que Mo Yuan toca <i>guzheng</i> para Bai Qian	67
Figura 17 - Cena de abertura da série, com paisagem de Yunnan, no sudoeste da China	67
Figura 18 - Publicação com menção à série	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Alteração de opinião com relação à China

50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista de 30 países com melhor resultado em *soft power*

22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. <i>SOFT POWER</i> E RELAÇÕES PÚBLICAS INTERNACIONAIS	15
1.1 O conceito de <i>soft power</i>	15
1.2 Relações públicas internacionais como subárea das relações públicas	22
1.3 Convergências entre relações públicas internacionais e diplomacia pública	26
2. CHINA: DE IMPÉRIO MILENAR À SUPERPOTÊNCIA ECONÔMICA	29
2.1 Período dinástico: o princípio da civilização chinesa	29
2.2 Da República da China à fundação da República Popular	36
2.3 A República Popular	39
2.3.1 <i>De Mao</i>	40
2.3.2 <i>De Deng</i>	42
2.4 Tensões geopolíticas da China: o caso de Taiwan	44
2.5 O <i>Soft Power</i> chinês	48
3. O GÊNERO XIANXIA: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA SÉRIE AMOR ETERNO (2017)	56
3.1 Xianxia	56
3.2 Amor Eterno (2017)	57
3.2.1 <i>Trama</i>	59
3.2.2 <i>Ficha Técnica</i>	63
3.2.3 <i>Análise</i>	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

A China é um dos principais países do atual sistema internacional. Desde o final dos anos 70, com sua abertura para o mundo, a potência asiática começou a se fazer cada vez mais presente no exterior, seja com a sua robusta plataforma de exportação comercial ou com elementos de sua rica e milenar cultura.

O aumento da presença da cultura chinesa em outros países acontece, por exemplo, através da culinária, do idioma – vide a multiplicação do Instituto Confúcio³ –, de artistas⁴, e dos dramas televisivos, ou “*c-dramas*” como são chamados na Internet. Este último produto cultural, em específico, tem revelado um crescimento significativo em termos de exportação, se fazendo presente em plataformas de streaming proeminentes como *Netflix* e *Viki*.

No escopo do “*c-drama*”, há uma série de gêneros que propõem temáticas e estéticas diferentes entre si, ainda que compartilhem enredos voltados ao drama romântico. Alguns focam em contextos contemporâneos, outros históricos, ou ainda fantasiosos. É neste último tipo que se encaixa o gênero *xianxia* que, tanto na literatura como na televisão, retrata universos baseados na mitologia chinesa e em seu passado dinástico.

Nosso propósito, através da elaboração deste trabalho, consiste justamente em identificar as características do gênero *xianxia* e, por meio da análise da série Amor Eterno (2017) sob a ótica das relações públicas internacionais, entender como este pode ser configurado enquanto um recurso de *soft power* a serviço da República Popular da China.

Com o intento de apontar indícios para cumprir com o seu objetivo, este trabalho se baseou no conceito de *soft power* de Joseph Nye (2004) e foi estruturado em três capítulos, de acordo com o desenho metodológico intitulado T.CH.AO., proposto por Dantas (2023): o primeiro, teórico; o segundo, uma contextualização histórica; e o terceiro, uma análise do objeto.

A pesquisa realizada foi de caráter exploratório. Isso porque o que se pretende com o trabalho é propor um debate sobre o assunto, mas não o esgotar. Sobre esse nível de pesquisa, Gil (2008, p. 27) sustenta que elas “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou

³Ao final de 2018, o Conselho de Estado da China divulgou os números que revelaram a existência de 548 institutos espalhados por 154 países e regiões. Os institutos são financiados pelo governo chinês e oferecem cursos de mandarim e de cultura do país a preços abaixo do mercado.

⁴ Por exemplo: os atores Jackie Chan e Jet Li e, com revelação mais recente, o cantor pop Jackson Wang.

hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” Ou seja, há na pesquisa exploratória uma natureza de continuidade que apreciamos na concepção deste trabalho.

Em relação às técnicas de pesquisa, dois tipos foram utilizadas: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. A primeira, como explica Gil (2008), é desenvolvida com base em materiais já construídos: livros e artigos científicos, principalmente. Essa técnica foi essencial ao longo de todo o trabalho, especialmente para a compreensão do objeto e construção do aporte teórico. Gil (2008) também destaca uma vantagem determinante dessa técnica para a viabilização deste trabalho: ela permite que seja pesquisada uma gama muito mais ampla de fenômenos do que poderia ser alcançado diretamente pela autora.

A pesquisa documental leva semelhanças com a bibliográfica. No entanto, nesta técnica, a natureza das fontes é diferente. Godoy (1995) exemplifica materiais que podem fazer parte dessa pesquisa: jornais, revistas, imagens, filmes etc. Recorremos à técnica para dar conta, principalmente, das exposições acerca de temas bastante atuais, comunicações oficiais e, claro, do próprio fenômeno analisado - uma série televisiva.

Outro ponto a se mencionar é que a informação de produção chinesa apresenta dificuldade no acesso⁵. Percebemos essa condição pois, sempre que cabível, procuramos inserir autores e fontes chinesas, além de produções ocidentais, que foram encontradas com maior facilidade. Ou seja, tentamos evitar que as “vozes” da China não fossem também ouvidas. Buscamos, sempre que possível, trazer contrapontos que equilibrassem determinadas polarizações percebidas nas fontes utilizadas. Com isso, nos esforçamos para manter um cuidado metodológico ao longo do trabalho, evitando, como explica Demo (2003, p. 351): “certezas, dicotomias banais, evidências empíricas, leituras apressadas, tomadas parciais de autores e teorias, e toda forma de superficialidade na produção científica.”

Já em relação às motivações que levaram à escolha do tema, vale destacar que foi influenciada por questões de cunho pessoal da autora que, ainda criança, teve oportunidade de conhecer e viver durante um período na China. Com a estadia - e visitas subsequentes - foi possível ver de perto um “mundo” tão distante do nosso, não apenas geograficamente. Esse foi um dos fatores que gerou grande afinidade pelo país e sua cultura que, mais tarde, também se faria presente através do consumo dos dramas chineses.

⁵Na pesquisa virtual, procuramos utilizar, além do Google, o Baidu – um buscador chinês - sempre que possível. No entanto, nem sempre os resultados encontrados podiam ser acessados sem a criação de registro na página. O registro, por sua vez, não estava disponível para realização.

Em termos de estrutura, este trabalho foi organizado em três capítulos. No capítulo inicial, foi construída a base teórica a ser utilizada para a análise. Para tanto, discorreremos sobre dois principais conceitos: *soft power*, em que Joseph Nye (2004) foi a principal referência; e relações públicas internacionais, que foi balizado pela lógica dos brasileiros Simões (1995) e Andrade (2003), além de autores como Coombs e Signitzer (1992).

No segundo capítulo foi traçado um panorama histórico da China - desde o período imperial até os nossos dias - para facilitar a compreensão sobre as peculiaridades do referido país asiático e a configuração do seu *soft power*. Neste capítulo, destacam-se as premissas formuladas por Jian Wang (2011), Li Xiaobing (2019), Eleanor Albert (2016), e Syaru Shirley Lin (2016).

No terceiro e último capítulo, o gênero *xianxia* e a série Amor Eterno (2017) são minuciosamente descritos para que se possa desenvolver, posteriormente, uma análise sob a ótica das relações públicas internacionais. Para tanto, articulamos conceitos previamente estudados e o conhecimento construído acerca da história e atualidade da China, podendo compreender o fenômeno e alcançar o objetivo pretendido.

Finalmente, nas considerações finais, a partir de uma síntese das ideias apresentadas ao longo do trabalho - em especial da história política da China e particularidades da série -, são discutidas as últimas questões relevantes ao estudo.

1. *SOFT POWER* E RELAÇÕES PÚBLICAS INTERNACIONAIS

O processo de globalização alterou a forma como os países se posicionam no cenário internacional, e acabou forjando novos conceitos e campos do saber. Deste modo, com o intuito de proporcionar melhor compreensão do objeto de estudo aqui exposto, neste capítulo será apresentado e discutido o aporte teórico que norteou o trabalho, com destaque para o conceito de *soft power* e sua interlocução com o campo das relações públicas internacionais, sobretudo por meio da diplomacia pública.

1.1 O conceito de *soft power*

Antes de adentrar no que diz respeito ao conceito de *soft power*, faz-se necessária uma breve reflexão acerca da noção de “poder” - termo que gera debates desde os filósofos gregos, no século V a.C (OHNESORGE, 2020). A partir de uma pesquisa preliminar no dicionário, podemos encontrar uma série de significados para o termo, entre eles: “capacidade ou habilidade de executar algo”, “força física ou moral” e “grande influência” (PODER, 2022).

De acordo com Organski (1958), o aspecto do poder está atrelado a qualquer relacionamento, já que toda interação entre as partes é composta por celeumas e contradições que moldam e estabelecem aspectos de dominação nesse processo. Ohnesorge (2020) acrescenta, ainda, que nesse processo é provável que haja assimetrias na distribuição do poder. Tais assimetrias podem variar de acordo com as circunstâncias e o tempo.

Isso nos faz crer que, para a compreensão das dinâmicas que constroem as relações de poder, é de fundamental importância a identificação do contexto histórico em que as relações entre os atores se estabelecem.

Por conta disso, o cientista político estadunidense Joseph Nye (2004, p. 2), ao refletir sobre a disputa entre os países dentro do sistema internacional contemporâneo, conceituou "poder" como “a habilidade de influenciar o comportamento de outros para chegar aos resultados desejados.” Segundo o autor - que atua no campo das relações internacionais -, o advento dos meios de comunicação de massa e o desenvolvimento das tecnologias de tempo real fez com o que as relações de poder entre as nações se tornassem ainda mais complexas. Por conta disso, ele concebeu dois tipos de poder no âmbito internacional: *hard power* e *soft power*.

No que diz respeito ao *hard power*, Nye (2004) o define como aquele exercido através da força ou pagamentos, isto é, através de coerção ou de incentivos. É o exercício de poder mais primitivo na história da humanidade e o mais utilizado pelas nações em nossos dias. Como visto em Ballerini (2017, p. 15): “o poder mais recorrente de todos os povos é a violência, a dominação pelas armas e pelo dinheiro” (BALLERINI, 2017, p. 15).

Nye (2004) cita a Guerra Fria entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) como um exemplo do exercício do *hard power* pelas nações no século passado. Durante quase cinquenta anos, os dois países lutavam pela hegemonia atômica - época que ele denominou de "a era dos superpoderes" (NYE, 2004, p. 18).

A dinâmica desse superpoder, no entanto, muda no final do mesmo século, quando os Estados Unidos despontam como o centro de uma revolução tecnológica. Com o domínio das novas tecnologias de informação e armamento, Nye (2004) afirma que a lógica da guerra se altera, ao que surgem armas de precisão, vigilância no campo de batalha, inteligência em tempo real e controle e comando melhorados. Com isso, estabelece-se o único superpoder militar do mundo.

Apesar do *hard power* praticamente protagonizar o fim da Guerra Fria, as nações passaram a enxergar o poder brando, isto é, o *soft power* como uma estratégia para se posicionar no cenário global. O conceito de *soft power* foi forjado por Joseph Nye no final dos anos 90 e significa a habilidade de um país para influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos.

Nye (2004) explica que um país pode lograr os seus objetivos dentro do sistema internacional ao fazer com que os outros países admirem os seus valores. Isto é, *soft power* diz respeito a conseguir, através da atração e admiração, que outros desejem o que você deseja. “*Soft power* se baseia na habilidade de dar forma às preferências de outros” (NYE, 2004, p. 5).⁶

Vale ressaltar que Joseph Nye não concebe esse conceito com ineditismo. A mesma lógica pode ser encontrada desde pensadores da China antiga, como o general Sun Tzu⁷ (2005, p. 33), que defendia que “vencer cem vezes em cem batalhas não é o auge da habilidade, mas, sim, subjugar o inimigo sem precisar lutar.” Ohnesorge (2020) cita, ainda, outros autores que

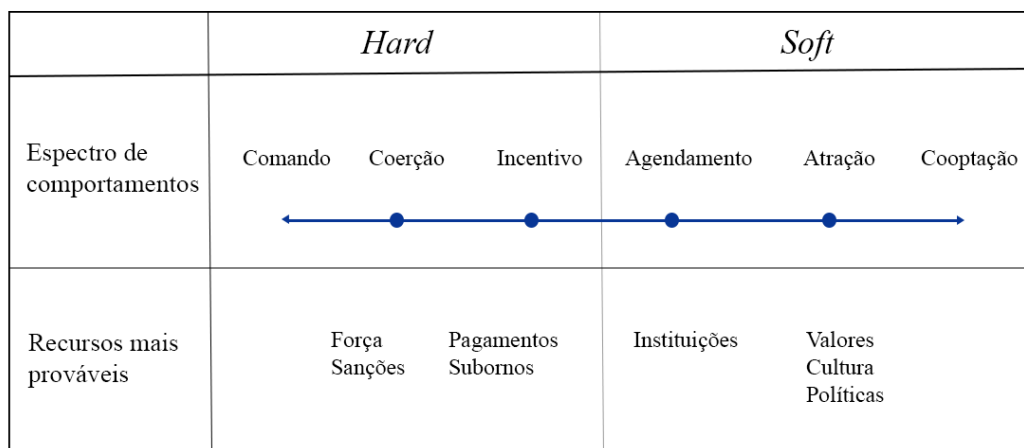
⁶ Tradução nossa.

⁷ Aproximadamente no século VI a.C.

abriram caminho para a construção do conceito de *soft power*: Antonio Gramsci, com a ideia de hegemonia; Pierre Bourdieu, com o poder simbólico; Michel Foucault, com poder disciplinar; e Jürgen Habermas, com o poder dialógico. O que Nye faz, portanto, é refletir e estender a aplicação do referido conceito dentro das relações internacionais.

Para melhor compreensão do conceito de *soft power*, vale utilizar o esquema de Nye (2004), demonstrado na figura 1. Em um eixo *hard-soft power*, visualiza-se primeiramente o que foi chamado de espectro de comportamentos⁸. A indicação à esquerda, “comando”, refere-se à postura mais extrema no cenário de *hard power*. Avançando para a direita, a linha segue para comportamentos que se aproximam gradativamente de *soft power*. Para o autor, agendamento, atração e cooptação já podem ser consideradas posturas deste último cenário.

Figura 1 – Esquema da relação entre *hard* e *soft power*



Fonte: Adaptado de Nye (2004 p. 8)⁹

Na segunda linha da figura 1, Nye (2004) avança na discussão do conceito, agora trazendo o aspecto dos recursos. Como se percebe, ambas as formas de poder irão se utilizar de recursos para serem capazes de alcançar os comportamentos supracitados. No caso do *hard power*, o autor argumenta que tais recursos são mais tangíveis, fáceis de se identificar – exércitos, armamento, pagamentos etc. Quanto aos principais recursos de *soft power* – que tendem a ser, por sua vez, intangíveis - avançamos com a seguinte definição:

O *soft power* de um país se baseia primariamente em três recursos: sua cultura (em lugares onde seja atrativa ao outro), seus valores políticos (quando seguidos interna e externamente), e suas políticas externas (quando vistas como legítimas e com autoridade moral). (NYE, 2004, p. 11)

⁸ Exercido por um país. Tradução nossa da expressão “Spectrum of behavior”.

⁹ Tradução nossa.

Nye (2004), ao citar “valores políticos”, se refere aos princípios nos quais se apoiam as ações internas e externas de uma nação. Em seu livro sobre *soft power*, ele afirma que a segregação racial nos Estados Unidos, registrada nos anos 1950, rebaixou o *soft power* americano na África. No mesmo sentido, o autor também cita que a pena de morte e a legislação armamentista dos Estados Unidos fazem com que o *soft power* do país seja afetado negativamente na Europa. Em síntese:

Os valores que um governo defende no seu comportamento interno (por exemplo, democracia), nas instituições internacionais (trabalhando com outros), e nas políticas externas (promovendo paz e direitos humanos) afetam fortemente as preferências de outros. Governos podem atrair ou afastar pela influência de seus exemplos. (NYE, 2004, p. 14)¹⁰

O segundo recurso em destaque são as “políticas externas”. Cabe esclarecer que, apesar do autor nominar esse recurso como “política externa”, ele também coloca que as práticas e políticas internas de um país podem, igualmente, interferir em seu *soft power*. Ohnesorge (2020) explica que, na época em que vivemos, em que ideias e notícias são compartilhadas em tempo real, essa divisão entre interno e externo está cada vez mais tênue. Dessa forma, neste recurso, englobam-se as práticas e atuações de um país em questões internacionais, mas também domésticas. Sobre isso, Nye (2004, p. 14) propõe que: “Políticas internas e externas que pareçam hipócritas, arrogantes, indiferentes à opinião de outros, ou baseada em abordagens restritas aos interesses nacionais podem minar o *soft power*.”

Em relação à “cultura”, conceito complexo e amplamente debatido por autores das Ciências Humanas e Sociais como Clifford Geertz (1989) ou Roberto Damatta (1986), Nye (2004, p. 11) afirma que:

Cultura é um conjunto de valores e práticas que criam sentidos para a sociedade. Possui muitas manifestações. É comum distinguir entre alta cultura, como literatura, arte e educação, que apela às elites; e cultura popular, que foca no entretenimento em massa.

O autor estadunidense nos indica que este terceiro recurso de *soft power* se materializa em manifestações culturais. Além de arte, literatura e educação, citados acima como alta cultura, é possível elencar também: filmes e programas de TV, música, gastronomia, idioma, esportes, e tantas outras expressões da cultura de um país.

A transmissão cultural, por sua vez, pode ocorrer através do comércio, contatos pessoais, intercâmbio e visitas, conforme coloca Nye (2004). Vale lembrar que um ponto importante sobre o recurso da cultura é que “(...) ela é mais propensa a atrair pessoas e

¹⁰ Tradução nossa.

produzir *soft power* (no sentido de resultados preferíveis) em situações em que as culturas sejam, de alguma forma, similares do que largamente distintas.” (NYE, 2004, p. 15)

Ter recursos de poder, sejam eles de *hard* ou de *soft power*, todavia, não certifica que os resultados desejados serão sempre alcançados. Nye (2004) relembra dois fatos históricos que ilustram essa afirmação. Os Estados Unidos, com muito mais recursos do que seu oponente asiático, perdeu a Guerra do Vietnã. E, mesmo sendo o único superpoder mundial em 2001, o mesmo país não foi capaz de evitar os ataques terroristas de 11 de setembro daquele ano. Aqui retomamos a importância do contexto que, conforme o autor, é o que apoia a efetividade de qualquer recurso de poder. A similaridade cultural, o histórico de relacionamento entre os países, seus valores políticos, sua geografia, por exemplo, podem tornar mais ou menos eficazes os recursos de poder. Por exemplo:

Tanques não são um ótimo recurso de poder militar em pântanos ou florestas. Carvão e aço não são importantes recursos de poder se um país carece de uma base industrial. (...) Filmes americanos que tornam os Estados Unidos atrativos na China ou na América Latina podem ter um efeito oposto, inclusive reduzindo o *soft power* americano na Arábia Saudita ou no Paquistão. (NYE, 2004, p. 12)¹¹

Ainda sobre recursos, há uma distinção entre os dois tipos de poder: um governo não domina seu *soft power* da mesma forma que o faz com seu *hard power*. Nye (2004) ilustra tal afirmação com o caso das forças armadas, que são de controle exclusivo de seus governos. Recursos naturais, por exemplo, estão originalmente na tutela do Estado. Por outro lado, como coloca Ballerini (2017, p. 22): “O governo americano não produz Hollywood.” Ou seja, este autor traz um exemplo que apresenta a relevância de agentes privados na construção de *soft power* de um país. Isso tornaria mais difícil, segundo Nye (apud BALLERINI, 2017), se um governo buscasse lograr seus resultados de forma isolada, já que os recursos não estão ao seu alcance e os seus efeitos dependeriam apenas da recepção do público.

Nesta altura, vale refletir o ponto de vista de Ohnesorge (2020), quando questiona se manifestações sem intencionalidade poderiam ser consideradas como um recurso de poder. Este autor defende que sim e explica:

“O ator A influenciando o ator B não através da aplicação de programas ou instrumentos intencionais, mas talvez agindo como exemplo, ou simplesmente parecendo atrativo de outras formas, ainda exerce poder, particularmente na perspectiva do ator B.” (OHNESORGE, 2020, p. 90)

¹¹ Tradução nossa.

Esta constatação pode ser aplicada na reflexão sobre os agentes privados mencionados anteriormente: as manifestações culturais que desenvolvem não necessariamente tem a intenção de agregar poder ao seu país mas, ao torná-lo mais atrativo, fortalecem seu *soft power*.

Então, como poderia um país entender a eficácia de seu *soft power*? A reflexão pode se guiar pela ideia de Nye (2004) de que o poder é medido pela mudança de comportamento do outro. O autor também coloca que é necessário, portanto, que se entendam as preferências prévias daquele analisado. Dessa forma, seria possível realizar comparativos e perceber as alterações em diferentes espaços temporais. Para compreender a eficácia de atração de uma estratégia ou manifestação cultural específica, o autor defende que sejam realizadas pesquisas ou grupos focais.

Nye (2004) discute também se há uma relação de oposição entre *hard power* e *soft power*. Para o autor, as duas formas de poder estão, na verdade, relacionadas por um propósito: afetar o comportamento de outros países. A diferença entre elas estaria na natureza das atitudes e na tangibilidade dos seus recursos. Ballerini (2017, p. 15), por outro lado, acredita que “(...) o poder duro (*hard power*) é a mais primitiva e ineficaz das forças humanas.” O autor explica que dominações por coerção ou incentivo financeiro raramente são recebidos de forma amistosa pelo país afetado. O resultado, segundo ele, se daria na produção de “(...) líderes ou ‘rebeldes’ com sede de vingança.” (BALLERINI, 2017, p. 15)

Ainda sobre essa relação, há um entendimento de que recursos de *hard power* possam também gerar *soft power*. “Alguns países podem ser atraídos por outros com *hard power* através do mito da invencibilidade ou da inevitabilidade. Tanto Hitler como Stalin tentaram desenvolver tais mitos.” (NYE, 2004, p. 9) Mas Nye (2004) pontua que, apesar dessa possível conexão, *soft power* não depende de *hard power*. Isto é, mesmo países com irrisórias forças armadas podem exercer poder através da cultura, valores políticos e políticas externas. O Vaticano, por exemplo, com sua Guarda Suíça de apenas 106 homens¹², atrai o mundo através da religiosidade e da arte, tornando o país relevante e ativo no cenário internacional.

Diferente de Ballerini (2017), que critica o uso de *hard power*, Joseph Nye (2004) indica que ambas as formas de poder são importantes. Ele exemplifica que *soft power* não seria tão pertinente para prevenir ataques, guardar fronteiras e proteger aliados. Por outro lado, caso um país deseje promover a democracia, por exemplo, *hard power* não seria tão

¹² Conforme reportagem da BBC News Brasil (2020).

efetivo: “É mais fácil atrair pessoas à democracia do que as coagir a serem democráticas.” (NYE, 2004, p. 17) Nesse sentido, encontra-se o conceito de *smart power*, sintetizado por Wilson (2008, p. 115) como: “(...) a capacidade de um ator combinar elementos de *hard power* e *soft power* de forma mutuamente fortalecedora, de maneira que os objetivos desse ator avancem efetiva e eficientemente.”

Como mencionado anteriormente, a natureza do poder na relação entre países passou a mudar quando da revolução tecnológica, no final do século XX. Essa mudança nos leva ao que Nye (2004) chama de era da informação global. Na referida época, é sabido, as tecnologias se desenvolvem constantemente, produzindo complexas e inovadoras formas de conexão e compartilhamento entre pessoas. O cenário cria comunidades e redes virtuais que ultrapassam as fronteiras de um país. Nye (2004) afirma que, por esses motivos, é esperado que aconteça um aumento na importância do *soft power*.

Esse jogo político em uma era da informação global sugere que a importância relativa do *soft power* aumentará. Os países que são mais propensos a ser atrativos e ganhar *soft power* na era de informação global, são aqueles com múltiplos canais de comunicação, que ajudam a solucionar impasses; cuja cultura dominante e ideias sejam mais próximas das normas globais prevalentes (que agora enfatizam liberalismo, pluralismo e autonomia); e cuja credibilidade é potencializada por seus valores e políticas domésticos e internacionais. (NYE, 2004, p. 31)¹³

A título de curiosidade, um projeto chamado Soft Power 30 criou uma espécie de ranking dos 30 países mais bem sucedidos neste tipo de poder. A iniciativa é uma parceria entre a consultoria de comunicação global, Portland, e a Faculdade Annenberg de Comunicação, na Universidade do Sul da Califórnia. Fruto de pesquisa e análise baseadas na estrutura de pensamento organizada por Joseph Nye, o resultado do último levantamento (2019) pode ser observado na tabela 1.

¹³ Tradução nossa.

Tabela 1 – Lista de 30 países com melhor resultado em *soft power*

País	Pontuação	País	Pontuação
1. França	80.28	16. Áustria	67.98
2. Reino Unido	79.47	17. Nova Zelândia	67.45
3. Alemanha	78.62	18. Bélgica	67.17
4. Suécia	77.41	19. Coreia do Sul	63.00
5. Estados Unidos	77.40	20. Irlanda	62.91
6. Suíça	77.04	21. Singapura	61.51
7. Canadá	75.89	22. Portugal	59.28
8. Japão	75.71	23. Polônia	55.16
9. Austrália	73.16	24. República Tcheca	54.35
10. Holanda	72.03	25. Grécia	53.74
11. Itália	71.58	26. Brasil	51.34
12. Noruega	71.07	27. China	51.25
13. Espanha	71.05	28. Hungria	50.39
14. Dinamarca	68.86	29. Turquia	49.70
15. Finlândia	68.35	30. Rússia	48.64

Fonte: McClory, 2019.

Como se pôde perceber, a compreensão do conceito de *soft power* é importante no mundo globalizado, pois vivemos em um mundo onde os países possuem cada vez mais interdependência entre si. Ferguson (2004, apud OHNESORGE, 2020) afirma que essa interdependência faz com que o poder esteja mais difuso, isto é, os poucos países que antes eram protagonistas no sistema internacional, hoje percebem novas nações ocupando espaços de decisão no cenário internacional - como é o caso, por exemplo, da China.

1.2 Relações públicas internacionais como subárea das relações públicas

Como visto anteriormente, há algumas décadas o mundo passa por um processo de globalização que se intensifica progressivamente, muito apoiado pelo avanço das tecnologias de informação e comunicação. Em meio a esta realidade, Heath (apud BASTOS, 2010, p. 52) apresenta o que considera como uma ironia da era da globalização: “um sentimento de que o

globo está simultaneamente encolhendo na medida em que se expande em um caleidoscópio crescente de povos, línguas, culturas, estruturas governamentais e sistemas econômicos.” É neste cenário que vem se desenvolvendo o estudo e a prática das relações públicas internacionais.

Porém, antes de abordar as relações públicas internacionais, é relevante resgatar a definição e outros aspectos da área das relações públicas como um todo. Para este fim, há uma série de teóricos da área que poderiam ser citados. Todavia, dadas as circunstâncias deste trabalho, optou-se por focar nas ideias desenvolvidas por Roberto Porto Simões, pois suas premissas tratam de algumas questões que são pertinentes não só para o entendimento dos usos das relações públicas na atualidade, mas seus desdobramentos no âmbito das relações públicas internacionais.

Simões (1995) acredita que a definição da área pode ser entendida a partir de dois vieses. Um diz respeito às relações públicas enquanto ciência, enquanto o outro se dedica à atividade. Como ciência, o autor diz que há um caráter explicativo, preventivo e de controle das dinâmicas de poder no sistema organização-público. Aqui, quando se mencionam dinâmicas de poder, já encontramos um indicativo de uma provável relação com as ideias de Joseph Nye. Ao descrever a atividade, Simões (1995, p. 82) afirma que:

As Relações Públicas constituem uma “função” da direção de caráter permanente e organizado, através da qual uma empresa pública ou privada procura obter e conservar a compreensão, a simpatia e o concurso de todas as pessoas a que se aplicam. Com esse propósito, a empresa deverá fazer uma pesquisa na área da opinião que lhe convém (adaptando a ela, tanto quanto possível, sua linha de conduta e seu comportamento) e, pela prática sistemática de uma ampla política de informação, obter uma eficaz cooperação em vista da maior satisfação possível dos interesses comuns.

A partir dessa concepção de relações públicas proposta por Roberto Porto Simões, partimos, então, a pensar os desdobramentos das relações públicas internacionais. Coombs e Signitzer (1992) afirmam que os livros de relações públicas que incluem capítulos sobre o aspecto internacional são dedicados, principalmente, à problemática das relações entre multinacionais e seus públicos, já que os “Estados-nações, países ou sociedades gerenciam suas relações comunicacionais com seus públicos estrangeiros permanece em grande parte no domínio das ciências políticas e relações internacionais.” (COOMBS e SIGNITZER, 1992, p. 138) No mesmo sentido, Culbertson e Chen (2013) além de reconhecerem o aspecto de priorização de multinacionais, também acrescentam que a literatura sobre as relações públicas internacionais foca principalmente em organizações ocidentais. Dessa forma, coube a este

estudo encontrar referências bibliográficas que tratem das relações entre Estados e governos com públicos estrangeiros sob a ótica das relações públicas.

As definições para relações públicas internacionais também são várias, mas, em geral, possuem pontos de convergência. Cândido Teobaldo de Souza Andrade (2003, p. 125), um dos pesquisadores pioneiros das relações públicas no Brasil, defende a atividade como “método de ação que visa fomentar a compreensão entre os povos, utilizando-se de técnicas próprias, ajustadas às culturas, tradições e características locais.” A menção à cultura, como veremos, é um dos pontos de convergência com a lógica do *soft power*.

Uma outra definição sobre relações públicas internacionais pode ser encontrada em Brasil (apud SILVA, 2005, p. 7), que reforça os aspectos relacionais, desenvolve finalidades e objetivos, além de trazer um elemento comum com o conceito anterior: a cultura.

(...) o conjunto de medidas, iniciativas, esforços, e formas práticas de ação e expressão, que visam obter mais estreito e produtivo relacionamento entre os povos, no sentido de estimular e facilitar o entendimento, a coexistência e a cooperação entre eles; no sentido também de fomentar melhores e mais amplas atividades de intercâmbio comercial e industrial e finalmente, com o objetivo de ampliar os níveis de cultura geral, através de mútuas facilidades de acessos aos respectivos patrimônios e instrumentos de cultura.

Por sua vez, Wilcox et al (2003, p. 378) propõe uma definição que nos leva a observar os públicos na atuação em nível global. Para eles, relações públicas internacionais:

Podem ser definidas como o esforço planejado e organizado de uma empresa, instituição ou governo em estabelecer relações mutuamente benéficas com os públicos de outras nações. Esses públicos, por sua vez, podem ser definidos como os vários grupos de pessoas que são afetados, ou podem afetar as operações de uma empresa, instituição ou governo.

Ao analisar as definições citadas, nota-se que a natureza da atividade internacional é a mesma daquela que conhecemos por relações públicas. A principal diferença está na prática, isto é, na ênfase dada ao fator cultural no processo laboral. Ainda que haja, em nível doméstico, a necessidade de compreender os públicos com os quais uma organização se relaciona, no caso das relações públicas internacionais se espera, em decorrência das distâncias tangíveis e intangíveis, que a cultura tenha um peso grande na execução de estratégias de comunicação.

As relações públicas internacionais podem ser vistas, de fato, como um conjunto de técnicas de comunicação que podem colaborar na construção de *soft power* de um país. O primeiro indicativo desse vínculo, como sinalizado anteriormente, é a dinâmica de poder da qual se ocupam as relações públicas. Está no cerne na atividade, como colocado por Simões

(1995), dedicar-se a entender o cenário e encontrar pontos de equilíbrio entre a organização e seus públicos. E, conforme apresentado nas ideias de Nye (2004), *soft power* é um conceito que trata justamente das relações de poder entre dois ou mais agentes.

Outras conexões podem ser encontradas nas definições apresentadas previamente. Como visto em Brasil (apud SILVA, 2005), as relações públicas internacionais são responsáveis por planejar e executar ações para estreitar o relacionamento entre povos, facilitando a sua cooperação. Andrade (2003) também fala sobre gerar compreensão entre povos, com um olhar voltado para culturas, tradições e características locais. Essas concepções vão ao encontro do que Nye (2004) propõe quando ele revela que o *soft power* permite que o país que o exerce faça com que outro país deseje o mesmo que ele (cooperação).

Nye (2004, p. 111) afirma também que *soft power* é conseguir, através da atração e da admiração, que os outros desejem o mesmo que você, e “(...) isso requer o entendimento de como eles estão ouvindo suas mensagens, e a afinação adequada. É crucial compreender o público-alvo.”¹⁴ O autor ainda trata da necessidade de se empreender pesquisas de opinião e grupos focais para entender preferências prévias ao recurso utilizado, bem como para entender se houve mudança de comportamento. Na própria definição de Simões (1995) citada previamente encontramos menção à pesquisa de opinião, estreitamente vinculada à própria área das relações públicas.

Como pôde ser observado, a associação entre *soft power* e relações públicas internacionais é estreita e compatível de ser aplicada às ações dos países no cenário internacional. Por exemplo, Ballerini (2017, p. 23) afirma que “quando a imagem norte-americana está negativa no mundo, especialistas tendem a lembrar a importância de reinvestir no poder suave¹⁵.”

A utilização da ideia de “imagem” não se refere a imagens físico-visíveis ou imagens-linguagem¹⁶, mas ao que Baldissera (2003) apresenta como imagem-conceito. Aqui, o termo representa, segundo o autor, as imagens que manifestam ideias, juízo de valor ou opinião acerca de algo ou alguém. Ele também explica que “(...) a imagem é resultante de todas as experiências, impressões, posições e sentimentos que as pessoas apresentam em

¹⁴ Tradução nossa.

¹⁵ Poder suave é a forma do autor se referir a *soft power*.

¹⁶ Imagem físico-visível diz respeito àquelas que representam a realidade concreta, que podem ser vistas pelo sentido da visão. Já imagem-linguagem trata de imagens formadas na mente, através da linguagem. (BALDISSERA, 2008)

relação a uma empresa, a um produto, a uma personalidade.” (BALDISSERA, 2003, p. 5) Seguindo Ballerini (2017), poderíamos adicionar “país” a essa relação.

Ainda sobre a imagem-conceito que um indivíduo pode formar de um país, em Baldissera (2003) encontramos que sua construção está baseada em um processo de significação, de interpretação e atribuição de sentido. Dessa forma, “(...) o saber prévio de cada indivíduo lhe dá condições para que atribua/reconheça significados ao/no entorno, para que dê sentido ao que está percebendo (...)” (BALDISSERA, 2003, p. 7). Além disso, o autor aponta que, apesar da significação não depender da comunicação, ela pode ser o fator mais relevante e potencializador desse processo. Tal afirmação revela a relevância da comunicação na elaboração de estratégias de *soft power*.

Por fim, incluímos a percepção de Arquilla e Ronfeldt (apud NYE, 2004, p. 106), que dizem que, na era da informação, a política “pode ser, no fim das contas, sobre de quem é a história que vence.”¹⁷ Tal afirmação se associa à noção de significação, já que histórias criam saber prévio, e saber prévio resulta em imagens-conceito. Logo, histórias positivas, imagens positivas. A prática das relações públicas, internacionais ou não, sendo parte do que Grunig e Hunt (1984, p. 6) definem como “o gerenciamento da comunicação entre uma organização e seus públicos”, pode, portanto, contribuir com a construção de *soft power* em um país.

1.3 Convergências entre relações públicas internacionais e diplomacia pública

Apesar desses possíveis vínculos encontrados nas relações públicas internacionais, há um debate entre teóricos da área das relações públicas e das relações internacionais no que diz respeito à prática da diplomacia pública¹⁸. É a esta última prática que autores das relações internacionais atribuem toda a responsabilidade pelas estratégias de construção de *soft power*. Nye (2004, p. 107) começa dizendo que:

A simples propaganda comumente carece de credibilidade e, portanto, é contra produtiva enquanto diplomacia pública. Nem tampouco é a diplomacia pública meramente relações públicas. Transmitir informações e vender uma imagem positiva faz parte, mas diplomacia pública também envolve construir relacionamentos de longo prazo, que possam criar um ambiente que possibilite as políticas de governo.¹⁹

¹⁷ Tradução nossa.

¹⁸ De acordo com Tuch (1990), diplomacia pública, no âmbito das relações internacionais, é a comunicação com públicos no estrangeiro para estabelecer um diálogo que serve para informar e influenciar estes públicos. Já Melissen (2005, p. 35) a vê como "o processo pelo qual relacionamentos diretos são buscados com o povo de um país, para avançar interesses e estender os valores de quem está sendo representado."

¹⁹ Tradução nossa

O autor segue explicando que há três dimensões para a diplomacia pública. A primeira diz respeito à comunicação de rotina principalmente com a imprensa, no objetivo de explicar contextos e decisões de um governo. A segunda dimensão é a comunicação estratégica. Neste ponto, Nye (2004) explica que há o planejamento de campanhas de comunicação e eventos simbólicos para destacar temas importantes ou avançar interesses do governo. A última dimensão estaria ligada ao desenvolvimento de relações duradouras com indivíduos-chave, sustentadas por intercâmbios, seminários, bolsas de estudos, acesso a canais de mídia etc.

A diplomacia pública - que faz parte dos esforços de estabelecimento de um *soft power* por parte dos países - tem como principal objetivo, de acordo com Malone (1988, p. 3), "influenciar o comportamento de um governo estrangeiro, através da influência sobre as atitudes de seu povo."²⁰ Koschwitz (1986, apud COOMBS e SIGNITZER, 1992, p. 139) descreve os sub-objetivos da atividade:

Intercâmbio de informações, redução de clichês e preconceitos, criação de simpatia por suas próprias políticas internacionais e modelo de sociedade, autorrepresentação, e construção de imagem são todos sub-objetivos da Diplomacia Pública. Eles revelam mais similaridades na conexão entre Diplomacia Pública e Relações Públicas.²¹

Ao compararmos o sub-objetivos da diplomacia pública proposto por Koschwitz com a definição de relações públicas defendida por Coombs e Signitzer (1992, p. 139), observamos uma grande similaridade entre as duas áreas, pois ambas possuem o mesmo objetivo: impactar a opinião pública para beneficiar uma organização. No caso das Relações Públicas Internacionais, basta refletirmos sobre a atividade de Relações Públicas no âmbito global. Vejamos:

(...) praticamente qualquer texto introdutório de Relações Públicas dirá que a atividade é usada para alcançar intercâmbio de informações, redução de conceitos equivocados, a criação de cooperação, e construção de uma imagem.

L'etang e Pieczka (1996), - numa tentativa de estabelecer convergências entre Relações Públicas Internacionais e Diplomacia Pública - criam uma divisão de funções que consideram estar no escopo das duas atividades. Essas funções, para as autoras, seriam: inteligência (pesquisa e entendimento do cenário), representacional (retórica, oratória e *advocacy*²²), dialógica (negociação e pacificação), e consultiva (aconselhamento). É possível perceber que as funções de fato fazem parte da atividade de Relações Públicas, ao que

²⁰ Tradução nossa

²¹ Tradução nossa

²² Entendemos não haver tradução adequada para o termo. Compreende-se por *advocacy*: "defender e argumentar em favor de uma causa, uma demanda ou uma posição." (LIBARDONI, 2000, n.p)

incluem, respectivamente, diagnóstico, discurso, relacionamento e estratégia – todos parte da gestão da comunicação organizacional.

Apesar dos argumentos apresentados, alguns autores veem limitações para o emprego das áreas de Relações Públicas e Diplomacia Pública nos dias atuais. É o caso de Coombs e Signitzer (1992), que afirmam que ambas as áreas não estão prontas para lidar com as novas demandas que o rápido desenvolvimento tecnológico produz. Apontam, ainda, que as Relações Públicas são pouco sofisticadas no âmbito das estratégias internacionais que um Estado-nação deve utilizar. Isso porque, para os autores, as Relações Públicas Internacionais foram pensadas para corporações, o que acarreta diferenças na prática. Por outro lado, explicam que a Diplomacia Pública não possui ferramentas necessárias para alcançar o objetivo de causar mudanças em públicos estrangeiros.

Não obstante, Coombs e Signitzer (1992) sustentam que as duas áreas estão em um processo de convergência. Ora, dadas as colocações anteriores sobre pontos de atenção em cada uma delas, cabe adicionar o que cita Abdalla (2018, p. 54), quando analisa os possíveis resultados dessa convergência entre as duas atividades:

Isso significa que os benefícios de uma convergência entre os dois campos não são apenas uma via de mão única das Relações Públicas para a Diplomacia Pública, mas é, na verdade, uma via de mão dupla, um relacionamento mutuamente benéfico, compartilhando habilidades para alcançar programa de comunicação e estratégias efetivos, baseados na experiência e profissionalização de ambos os campos em termos de atrair, polarizar e comunicar com audiências internacionais.

Ao ler de autores como Abdalla (2018), Coombs e Signitzer (1992), L'etang e Pieczka (1996) e o próprio Nye (2004), fica nítido que as Relações Públicas Internacionais possuem convergência com a Diplomacia Pública. Tal convergência se dá na capacidade de estabelecer e gerenciar canais de comunicação com os vários públicos de um país no âmbito internacional, com o intuito de influenciar as suas percepções sobre a imagem do país que busca promover seu *soft power*.

2. CHINA: DE IMPÉRIO MILENAR À SUPERPOTÊNCIA ECONÔMICA

A China é um dos países que mais desperta interesse no mundo contemporâneo por conta, entre outras coisas, da sua cultura milenar e pelo grande protagonismo econômico conseguido nas últimas duas décadas. Entretanto, a China como país, isto é, como uma unidade político administrativa, ainda frequenta grandes desafios no que diz respeito a sua consolidação como superpotência no sistema internacional.

Neste capítulo, com a intenção de compreender as peculiaridades que configuram o referido país asiático, serão apresentados alguns aspectos da história milenar da China - desde a chamada China Imperial até o presente, em que o *soft power* passa a ser utilizado como uma ferramenta estratégica para expandir a influência internacional do país por meio da cultura.

2.1 Período dinástico: o princípio da civilização chinesa

A China imperial, como apontam Fairbank e Goldman (2008), tem início aproximadamente em 771 a.C., com a dinastia Zhou Oriental. Antes do que se considera como China imperial, no entanto, houve pelo menos duas outras dinastias: a Zhou Ocidental (1100-771 a.C.) e a Shang (1600-1100 a.C.). Nesse período, situado em um intervalo de milhares de anos, Pinent (2015) esclarece que não é possível definir exatamente a quantidade de dinastias existentes. Acredita-se, porém, que tenham existido em torno de trinta impérios.

Keay (2009) nos conta que as dinastias chinesas se constituíram em uma forma de organização de Estado, onde os governantes eram determinados por direito de nascimento. De acordo com Pinheiro-Machado (2013, p. 29), “o rei passava seu mandato para o filho mais velho. Os outros filhos tornavam-se chefes de novas linhagens, assumindo cargos como os de príncipes.” A autora argumenta que, na existência de um complexo sistema de linhagens, desenvolveu-se uma sociedade patriarcal, essencialmente hierárquica e mediada por protocolos. Estabelecia-se um código social sobre como agir nas relações com seus superiores: pais, deuses, ancestrais etc. Sobre isso, Pinheiro-Machado (2013) ainda comenta que os efeitos deste código social podem ser vistos até os dias de hoje através da etiqueta, uma parte central da cultura chinesa.

A sucessão dentro de linhagens - que acontecia ao longo de uma mesma dinastia – não foi a única dinâmica que permeou a história da China imperial: houve também a sucessão

entre dinastias. Keay (2009) diz que poucas foram aqueles que governaram sem contestação de sua influência. Dessa forma, ao longo do tempo, conflitos marcaram o fim de dinastias por disputas territoriais, usurpação ou insatisfação com os governantes no poder, por exemplo. O primeiro caso foi bastante comum, e fez com que o território chinês se fragmentasse e se unificasse diversas vezes.²³ O segundo caso inclui, por exemplo, planos arquitetados por eunucos²⁴ e tomada de poder por camponeses revolucionários²⁵.

Um marco importante da China dinástica foi o surgimento das escolas de pensamento que não apenas influenciaram o modo de vida dessa época, mas estão presentes na cultura e identidade chinesas até hoje. Entre os séculos VI e III a.C., conta Pinent (2015), floresceram pensadores e correntes filosóficas, fazendo com que o período fosse considerado por alguns como Idade de Ouro da China. São oriundos dessa fase o confucionismo, o daoísmo, o legalismo e o budismo²⁶. No caso específico do confucionismo e do daoísmo, eles foram base da organização da sociedade chinesa no seu período imperial e ainda hoje são valorizados no território chinês.

Pinent (2015) explica que Confúcio²⁷ é considerado o maior pensador chinês, assim como um dos maiores da história do mundo. O filósofo viveu entre 551 e 479 a.C. e, segundo Pinheiro-Machado (2013), nasceu em família de classe média, tendo, no entanto, passado parte de sua infância em condição de pobreza. Pinent (2015) afirma que Confúcio trabalhou como funcionário público, quando, de forma autodidata, passou a buscar postos de destaque.

²³ Em Pinheiro-Machado (2013), podemos encontrar exemplos dos casos de sucessão por invasão. Um deles, a queda da dinastia Song (960-1279), quando os mongóis, sob liderança de Kublai Khan, neto de Gengis Khan, conquistaram o território do império corrente e instauraram a dinastia Yuan. Ao longo da história da China imperial, os mongóis representaram um adversário recorrente na disputa por poder e território.

²⁴ Eunucos eram homens castrados que trabalhavam como funcionários do rei. Pinent (2015) conta que, durante a dinastia Qin, em torno de 210 a.C., um cenário de violência envolvendo um eunuco causou instabilidade no império e permitiu que rebeldes assumissem. O caso acontece quando da morte do imperador Shi Huangdi. Seu filho sucessor, Fusu, é assassinado pelo irmão, Qin Er Shi, que mata também todos os outros irmãos, buscando garantir seu reinado. É então que o eunuco Zhao Gao se envolve, assassinando Qin Er Shi, abrindo espaço, assim, para outro nome de sua preferência. Uma corte repleta de violência e confusão foi, segundo Pinent (2015), o que propiciou o fim da dinastia Qin, e o início da dinastia Han.

²⁵ Aqui, podemos citar o caso de Liu Bang, quem Pinheiro-Machado (2013, p. 42) apresenta como “o primeiro monarca de origem campestre da era dinástica chinesa”. Liu Bang liderou revoltas ao final da dinastia Qin e, vitorioso, tornou-se o primeiro imperador da dinastia Han, intitulando-se Gaozu.

²⁶ O budismo nasceu, na verdade, na Índia, como aponta Pinent (2015). O autor esclarece que filosofia e crenças budistas chegaram à China no século I a.C., durante a dinastia Han. Com o passar dos anos, o budismo passa então a ser influenciado pela realidade social, além de conviver com o daoísmo, predominante no mesmo período. Esses movimentos fazem com que se crie o que Pinent (2015) chama de budismo chinês.

²⁷ Em chinês simplificado: 孔夫子. Em *pinyin*: Kǒng Fūzǐ.

Figura 2 – Retrato de Confúcio, por Wu Daozi.



Fonte: Creighton University, [s.d.]

Confúcio, segundo Pinent (2015), viajou por vários reinos de sua época e teve o talento e a capacidade para sintetizar a história chinesa. Buscando referência nos períodos que considerava exemplares, ele pôde esquematizar o que entendeu como um modelo social ideal. Pinheiro-Machado (2013) conta que a linha de pensamento de Confúcio se baseava em buscar harmonia (和諧, *héxié*) e equilíbrio (平衡, *pínghéng*) entre as pessoas, alcançando, então, ordem ao universo. A estrutura hierárquica mencionada anteriormente foi reforçada pelo pensador, que ordenava indivíduos em superiores e inferiores. Isso permeava as relações humanas na forma de obediência e conformidade. A autora prossegue dizendo:

De modo geral, sua corrente de pensamento analisa a moral humana. Existem vários princípios que estruturam, tais como a meritocracia, a etiqueta e o cerimonial, o autorrespeito, o amor filial. O protocolo de veneração da hierarquia começava na família, estendendo-se ao governo e aos deuses. O filho deveria amar o pai, assim como o oficial ao rei. (PINHEIRO-MACHADO, 2013, p. 33)

Carlos Pinent (2015, p. 46) pontua que o confucionismo não é uma religião, e que sua concepção é fundamentada em um código de conduta moral: “Na sociedade, cada um tem uma missão a cumprir”. O autor também explica que Confúcio acreditava que os homens eram bons por natureza. Em relação a isso, Fairbank e Goldman (2008) acrescentam que, na

filosofia confucionista, a educação, o esforço próprio de "autocultivação"²⁸ e a imitação de modelos poderiam levar o homem ao bom caminho. Os autores também explicam que a ênfase do código moral de Confúcio se dava à elite e aos governantes, fazendo com que estes buscassem liderar com bons exemplos e virtudes. O prestígio moral gerava influência e inspirava as pessoas comuns a seguirem o mesmo caminho.

Como reação ao confucionismo, surge o daoísmo que, segundo Pinent (2015) é uma combinação entre religião e filosofia. “Dao” (道, *dào*), como explanam Fairbank e Goldman (2008), significa “o caminho”. Pinent (2015) acrescenta ainda que a síntese do daoísmo é a “ação pela não ação” (无为, *wú wei*). Conforme este autor, os daoístas adotavam uma lógica que ia de encontro ao confucionismo: princípios morais e normas impostas por autoridade eram rejeitados.

A criação do daoísmo é atribuída a Laozi, quem Pinheiro-Machado (2013) define como, provavelmente, um personagem mítico, uma síntese de vários pensadores daoístas do período. Ela ainda diz que “a filosofia atribuída a ele, lado a lado com o confucionismo, tem estado presente na mente dos chineses por mais de 2 mil anos (...)” (PINHEIRO-MACHADO, 2013, p. 34).

Um princípio fundamental do daoísmo é o equilíbrio entre forças duais, *yin* e *yang*. A figura 3 ilustra esse conceito com a unidade de opostos. A área preta é *yin*, a energia feminina; a área branca, *yang*, a energia masculina. Pinent (2015, p. 49) explica que

(...) o símbolo pode representar qualquer harmonia de opostos, como pai e filho, mestre e discípulo, certo e errado etc. Além disso, não são partes dicotômicas; a parte branca tem um ponto preto e a preta, um ponto branco. Por exemplo, o positivo carrega um pouco de negativo, e o negativo, um pouco de positivo. Ou seja, o *yin* tem um pouco de *yang*, e o *yang*, um pouco de *yin*.

²⁸ A “autocultivação” proposta por Confúcio, diz Rozi (2020), deve levar o indivíduo a melhores comportamentos. Isso impactará na família, na sociedade e no governo. O processo, de acordo com o autor, demanda a disposição de “retificar o coração”, buscar pensamentos sinceros, bem como o conhecimento e compreensão das coisas.

Figura 3 - Imagem com símbolo daoísta *yin-yang*.



Fonte: Internet Encyclopedia of Philosophy, [s.d.]

Fairbank e Goldman (2008) argumentam que essa escola de pensamento acabou por se tornar um repositório de crenças e práticas rejeitadas pelo confucionismo. Com isso, passavam a fazer parte do daoísmo práticas como o animismo popular primitivo, a alquimia, a magia antiga, a busca pelo elixir da imortalidade e pelas Ilhas dos Abençoados²⁹, a medicina primitiva chinesa e o misticismo em geral, tanto nativo como importado da Índia (FAIRBANK e GOLDMAN, 2008). Para Wang (2004), no entanto, o elemento básico da fé daoísta são as divindades, ou imortais, como também são chamados. “Eles são a personificação do Dao, que é a origem e essência do universo, assim como o objetivo final buscado pelos daoístas.” (WANG, 2004, p. 59)³⁰

²⁹ Aqui, os autores se referem ao Monte Penglai, uma montanha da mitologia daoísta. Kohn (2000) explica que se acreditava que, na ilha montanhosa, existiriam ervas para prolongar a vida. Ela conta que, no daoísmo, esse é um dos paraísos dos imortais, junto com o Monte Kunlun.

³⁰ Tradução nossa.

Figura 4 – Pintura dos “Imortais de Penglai”, por Yuan Jiang (1708)



Fonte: Wikipedia, 2023

Ainda sobre os imortais, Wang (2004) defende que essas divindades – cujas aparências se assemelhavam a dos mortais -, além de não morrerem, teriam poderes especiais. Poderiam transitar rapidamente nos céus, controlar o vento e a chuva, assim como determinar a sorte de pessoas comuns. Wang (2004) também acrescenta outra noção estabelecida: apesar de todo o poder, os imortais, no mundo celestial, deveriam viver de maneira similar a do mundo mortal. Isto é, as divindades também precisavam seguir hierarquias e prestar obediência aos superiores. Com essas e outras características, os imortais, no daoísmo, seriam exemplos para pessoas comuns, servindo de inspiração para que essas se dedicassem à “cultivação”³¹, buscando alcançar o “Dao” e, conseqüentemente, o reino das divindades.

Na China imperial, a forma como são adotadas essas duas escolas de pensamento, bem como várias outras originadas no mesmo período, vai se alterando à medida que as dinastias

³¹ O Instituto de Estudos Daoístas apresenta a cultivação como um processo composto por diversas práticas, como: meditação silenciosa; meditação alquímica interna; rituais; artes marciais; dieta nutritiva; *qigong* (um tipo de exercício que promove a circulação de energia no corpo); e viver em harmonia com o calendário e as estações.

se sucedem. Couto (2013) afirma, por exemplo, que, durante a dinastia Qin (221-206 a.C.), o confucionismo passou a ser questionado, e um governo mais rígido foi adotado, sob a lógica do legalismo³². Na dinastia seguinte, a Han (206 a.C.-220 d.C.), o mesmo autor revela que, desde os primeiros anos, o imperador Gaozu passou a reorganizar o poder, reaproximando-se dos ensinamentos de Confúcio. Por fim, sobre as escolas de pensamento também vale adicionar que, daoísmo e confucionismo, apesar de nascerem com propostas diferentes, acabam, com o passar do tempo, por conviver de forma harmônica, como explica Pinent (2015), e permanecem vivas e atuantes até os dias de hoje.

Além da herança filosófica, a China dinástica também deixou um legado até hoje reconhecido na arte. Ao longo dos impérios, poesia, música, caligrafia, pintura, dança e outras expressões eram exploradas. Pinheiro-Machado (2013) destaca, por exemplo, a importância da dinastia Tang (618-907 d.C) para a literatura, sendo esta conhecida como a fase de ouro da poesia chinesa. A figura 5 apresenta uma pintura da época, cuja cena também inclui outro elemento artístico: o instrumento musical *guzheng*, uma espécie de cítara chinesa.

Figura 5 – Obra “*Court Lady Tuning the Lute*” de Zhou Fang



Fonte: The American Academy in Berlin, [s.d.]

Após deixar ao mundo invenções como a bússola, o papel, a seda e a pólvora, a China dinástica se encerra definitivamente no início do século XX (FAIRBANK e GOLDMAN, 2008). O império Qing, último a governar sob esse regime, enfrentou, entre 1840 e 1860, a chamada Guerra do Ópio. Pinheiro-Machado (2013) relata que essa ofensiva inglesa para

³² Pinheiro-Machado (2013) afirma que, ainda que não tenha sido tão difundido, o legalismo talvez tenha sido a escola de pensamento mais influente na forma chinesa de governar. A autora explica que, ao contrário do confucionismo, essa escola não buscava o sentido da vida e a liderança pelo exemplo. Na verdade, o legalismo entendia que leis eram necessárias para corrigir o indivíduo, que seria degradado e mau por natureza. A punição das imperfeições humanas é uma das principais práticas dessa corrente de pensamento.

flexibilização das restrições portuárias chinesas causou a inserção do ópio no país, o que culminaria em vícios e uma situação social grave. Os anos seguintes ao fim dessa guerra, segundo a autora, são marcados por conflitos e revoltas, até que, em 1911, um grupo de revolucionários destrona o imperador Puyi - com 6 anos de idade - e estabelece a República da China.

2.2 Da República da China à fundação da República Popular

Os anos de transição entre os séculos XIX e XX foram de violência e instabilidade na China. Michael Wood (2022) diz que o período se caracterizou por apresentar um Estado esfacelado, com uma dinastia agonizando, ao mesmo tempo que surgiam movimentos revolucionários e o país era retalhado por potências estrangeiras. É nesse cenário que a Liga Revolucionária de Sun Yat-sen é criada, com quatro objetivos em seu manifesto: expulsar os manchus do território, restaurar a unidade chinesa, criar uma república e democratizar a posse de terras.

Pinent (2015) conta que Sun, após substituir sua Liga pelo Partido Nacionalista, foi o revolucionário de mais destaque na luta contra o império Qing. O autor explica que Sun Yat-sen não foi o único, mas foi o primeiro, além de ter sido o líder da Revolução de 1911. Revolução esta que, como mencionado, dá início à República da China, em 1912.

Sob a liderança do presidente Yuan Shikai, essa fase política da China inicia como uma democracia parlamentarista, com liberdade de imprensa, prefeituras e províncias com assembleias constituídas por voto e um parlamento liderado pelo partido de Sun Yat-Sen, o liberal Partido Nacionalista. Porém, esse cenário se manterá por pouco tempo.

Um ano após a fundação da República, Yuan Shikai incomoda-se com os trabalhos e debates conduzidos pelos parlamentares e decide que só haveria uma forma de governar: a autocracia. Pinheiro-Machado (2013, p. 112) explica que “(...) o primeiro presidente mostrou-se, na verdade, um ditador militar, restaurando uma monarquia (intitulada Hongxian), ao longo de 86 dias em 1915, quando ele se auto intitulou imperador.” Todavia, seu governo não dura muito tempo, já que Yuan morre no ano seguinte.

Durante os próximos dez anos, o que se vê é uma China fragmentada e violenta, que por não ter um poder centralizado, era disputada e governada por vários homens, os senhores de guerra³³. Dessa forma, nesse período, eclodiram revoltas populares por todo o território.

Desde o final do século XIX, uma das questões que desafiava a estabilidade chinesa era a crescente interferência estrangeira. A relação com o exterior nasce no período dinástico, começa a tensionar no final deste, e aos poucos irá se converter em colonização e domínio territorial. Esse é um dos motivos para a eclosão dos movimentos de Quatro de Maio, em 1919.

Pinheiro-Machado (2013) conta que estudantes da Universidade de Beijing se revoltaram com o fracasso diplomático chinês naquele ano. Isso porque, na Conferência da Paz de Paris, não foi acatado “o pedido de retirada dos estrangeiros da China nem do fim dos privilégios dos japoneses sobre o território chinês.” (PINHEIRO-MACHADO, 2013, p. 113) Os estudantes se mobilizaram, então, em protestos na Praça da Paz Celestial, em Beijing, onde foram coibidos pelo governo dos senhores de guerra.

Foram esses mesmos tempos de efervescência da juventude que trouxeram à China as primeiras ideias marxistas. Pinheiro-Machado (2013) explica que, ainda em 1919, dois anos após a revolução comunista na Rússia, Li Dazhao, funcionário da Universidade de Beijing, publicou um artigo sobre luta de classes e exploração capitalista. A universidade passa a organizar leituras marxistas e, assim, atrai Mao Zedong, jovem recém-chegado à capital. Ele faria parte do grupo de pessoas que, em 1921, fundariam secretamente o Partido Comunista Chinês (PCC).

As três décadas seguintes (1920, 1930 e 1940) são marcadas principalmente pelas disputas entre nacionalistas e comunistas, bem como a invasão japonesa do país. Os dois partidos, Nacionalista e Comunista, no princípio de suas relações, compartilhavam da mesma base ideológica leninista. Até 1927, ambos participariam juntos de congressos e se uniriam contra a ocupação dos ingleses.

Naquele ano, faleceu Sun Yat-Sen - o fundador do Partido Nacionalista -, e assumiu Chiang Kai-shek que, segundo Pinheiro-Machado (2013), era direitista, claramente

³³ Fairbank e Goldman (2008, p. 243) conceituam os senhores de guerra como “(...) personalidades militares, treinadas talvez por Yuan, que controlavam as regiões comandando as tropas e alimentando-as. Muitos haviam começado como governadores militares. Seus talentos eram principalmente voltados para lutar, ou ameaçar lutar uns contra os outros.”

anticomunista e demonstrava alguma admiração pelo nazismo. Ao se tornar líder do partido, a autora conta que Chiang Kai-shek

praticou uma política de terror contra os comunistas, realizando diversos ataques, como o Massacre de Shanghai, no qual Zhou Enlai e Mao Zedong, entre outros, lideraram a resistência. Tais ataques foram fundamentais para a divisão definitiva entre duas forças políticas que, àquela altura, já se dividiam como direita e esquerda. (PINHEIRO-MACHADO, 2013, p. 115)

Essa divisão teve uma exceção. Em 1937, durante a invasão pelos japoneses³⁴, nacionalistas e comunistas se uniram na luta contra esse outro império. A aliança da chamada “guerra da resistência” foi capaz de derrotar os japoneses e recuperar a soberania nacional. Pinheiro-Machado (2013) explica que, apesar da vitória, os nacionalistas imediatamente se voltaram contra os comunistas, retornando à situação de embate entre os dois partidos.

A essa altura, no entanto, os comunistas já estavam bastante organizados, com adeptos que eram de origem rural, principalmente. Seus adversários, diz Pinent (2015), sob o comando de Chiang Kai-shek, apostaram em uma revolução urbana, nas cidades. O Partido Comunista Chinês, focando no campo, acabou por ter influência sobre uma população muito maior.

Um marco da história do PCC pode ajudar a entender uma das formas com que Mao Zedong e Zhou Enlai - à época, os líderes do partido - conseguiram cativar essa população. A chamada “Longa Marcha”, entre os anos 1934 e 1935, foi um movimento de fuga dos comunistas que, atacados por Chiang Kai-shek, precisaram recuar e buscar uma nova base territorial, longe dos nacionalistas (FAIRBANK e GOLDMAN, 2008).

Os dois líderes do partido e aproximadamente cem mil pessoas³⁵ partiram para um jornada que duraria um ano, e se estenderia por aproximadamente dez mil quilômetros, conforme Fairbank e Goldman (2008). Ao final, os autores revelam que uma grande parte da multidão que marchava não sobreviveu, restando, entre 4 e 8 mil pessoas. Para o PCC, todavia, a Longa Marcha teve resultados positivos. Pinheiro-Machado (2013, p. 117) conta

³⁴ O início da Segunda Guerra Sino-japonesa foi uma manifestação da Segunda Guerra Mundial que se estenderia até o ano de 1945. (PINENT, 2015) Pinheiro-Machado (2013) revela que até os dias de hoje a China guarda ressentimentos acerca das invasões japonesas. A autora aponta que o império vizinho promoveu massacres em massa, assim como estupro de dezenas de milhares de mulheres. Em 1940, período em que os invasores dominavam metade da China, Pinheiro-Machado (2013, p. 115) conta que “seus ataques ficaram conhecidos como *san guang* (prática de matar todas as pessoas, queimar os vilarejos e roubar todas as posses). A autora também argumenta que esse acontecimento que tanto feriu o orgulho chinês se tornou parte do processo da criação da identidade chinesa atual. Os japoneses se tornam, nesse evento, um novo “outro”. Pinheiro-Machado (2013) ainda adiciona que, em 2005, o primeiro-ministro japonês Koizumi enviou um pedido oficial de desculpas pelas ações do seu país. Ela afirma que o pedido, apesar de aceito pelo governo da China, não suscitou um perdão.

³⁵ Em sua maioria, soldados da guarda vermelha comunista. (PINHEIRO-MACHADO, 2013)

que o evento “(...) inspirou uma população sofrida e seus líderes ganharam respeito e autoridade no partido. (...) Assim, o peso simbólico da marcha teve papel fundamental para a construção ideológica e a adesão ideológica da população chinesa (...)”

Alguns anos depois, ao final da guerra da resistência contra o Japão, houve um acirramento na relação entre os dois principais partidos da China. Tal situação culminará numa guerra civil, em 1949. Encerra-se esse acontecimento com a vitória comunista e a fuga de Kai-shek para a ilha de Taiwan, onde estabelece um Estado nacionalista chamado de República da China. Em Beijing, sob a liderança dos comunistas, é fundada a República Popular da China (RPC).

2.3 A República Popular

O desfecho da guerra civil de 1949, entre nacionalistas e comunistas, como visto, resultou na fundação da República Popular da China. Fairbank e Goldman (2008) contam que, sob o olhar do PCC (Partido Comunista Chinês), os oito primeiros anos da nova República foram voltados para a reconstrução, o crescimento e a renovação. Durante suas primeiras décadas, sucederam-se uma série de eventos importantes para o passado e o presente da China.

Fairbank e Goldman (2008) sintetizam alguns dos principais pontos desse período inicial: entre 1949 e 1953, a consolidação do poder político do PCC; de 1954 a 1957, a transição na economia para uma agricultura socialista e coletiva, e para industrialização nos moldes soviéticos; entre 1958 e 1960, o “Grande Salto para Frente”; a “Revolução cultural”, de 1966 a 1976; e, a partir de 1978, o início das “Quatro Modernizações”, que colocariam a China no caminho para se tornar a potência econômica de hoje.

A República Popular da China, desde sua concepção e conforme estipula, hoje, a sua constituição³⁶, é liderada pelo Partido Comunista Chinês. Essas primeiras décadas que mencionamos acima foram, então, o princípio do poder pelo partido. Conforme Pinheiro-Machado (2013), nesse período, o PCC comandou o país com dois líderes: Mao Zedong, um dos fundadores da RPC, que governou por 27 anos, de 1949 a 1976; e Deng

³⁶ Disponível em: http://www.npc.gov.cn/zgrdw/englishnpc/Constitution/node_2825.htm. Acesso em 15 de dezembro de 2022.

Xiaoping, líder entre 1977 a 1992, totalizando 15 anos à frente do país. Ambos bastante diferentes em suas concepções, como veremos a seguir.

2.3.1 De Mao

Mao Zedong, o nome mais popular da história do PCC, nasceu no interior da província de Hunan, região central do país, no ano de 1893. Participou da fundação do partido, em 1921, como relata Pinent (2015). Sua relevância nessa organização aumentou ao longo dos conflitos, no período da República da China, mas vai atingir o ápice durante a Longa Marcha. Na revolução de 1949, foi um dos principais líderes e, conseqüentemente, tornou-se o primeiro presidente da República Popular da China.

Pinheiro-Machado (2013) conta que Mao foi o responsável por uma radical mudança no plano intelectual, político e econômico do país. A autora ainda revela que sua influência foi tão determinante para o país que, ainda hoje, os chineses costumam enxergar os quase trinta anos de governo de Mao como fundamentais para a preparação do posterior êxito econômico da China. Sobre o referido líder, Pinheiro-Machado (2013, p. 116) pondera:

O comunismo veio junto com a campanha anticonfucionista, o que implicava o rompimento da ordem tradicional em nome da modernidade. Embora essa fase seja amplamente criticada pelos excessos cometidos em nome da manutenção ideológica do regime, o comunismo industrializou a China, educou sua população, (...) a igualdade passou a ser um valor em uma cultura que, até então, era baseada na legitimidade da tradição e da meritocracia das elites letradas.

Como vimos, a liderança de Mao trouxe benefícios duradouros à população chinesa. Porém, o Grande Timoneiro³⁷ também foi responsabilizado por alguns acontecimentos com conotações negativas, como o “Grande Salto para Frente” e a “Revolução Cultural”.

“O Grande Salto para Frente”, entre os anos 1958 e 1960, segundo Fairbank e Goldman (2008), se tratou de medidas apressadas³⁸ de Mao. Ele pretendia tornar a República Popular da China uma nação desenvolvida e socialmente igualitária em tempo recorde, acelerando a coletivização do campo através de uma reforma agrária forçada, e a industrialização urbana. Nesse contexto, massas de pessoas foram organizadas em

³⁷ Junto com “Guia” e “O Líder”, eram formas que passaram a ser utilizadas para se referir a Mao. (PINENT, 2015)

³⁸ Fairbank e Goldman (2008) apontam que, inicialmente, economistas propuseram uma solução desenvolvimentista que tomaria mais tempo para entregar resultados. O método mais lento não agradou a Mao, segundo os autores. Algo que Pinheiro-Machado (2013) revela é que o plano colocado em ação teria sido realizado por profissionais não capacitados. Intelectuais e técnicos, no novo regime, eram vistos como burgueses e, por isso, não estavam disponíveis: eram “reeducados” em zonas rurais.

comunidades em zonas rurais e urbanas, com diferentes atividades e metas de produção agressivas. O resultado é sintetizado por Pinheiro-Machado (2013, p. 120) como:

(...) uma extrema salinização do solo, o que, juntamente com um período de problemas climáticos e desastres naturais, levou à trágica Grande Fome (1959-1962), ocasionando a morte de dezenas de milhões de chineses (entre 20 a 50 milhões).

Já a Revolução Cultural se inicia alguns anos mais tarde, em 1966. Sobre seu encerramento, Pinheiro-Machado (2013) explica que não há um consenso. Apesar do Líder ter declarado o fim da ação em 1969, alguns acadêmicos consideram que o período acabou apenas em 1976, ano da morte de Mao. O movimento, por sua vez, constituiu-se na perseguição de revisionistas, burgueses e outros inimigos do comunismo. O objetivo foi revelado pela revista Peking Review (1966, p. 6), quando publicou decisões do PCC sobre a “Grande Revolução Cultural Proletária”:

Atualmente, nosso objetivo é lutar e esmagar as autoridades que estão seguindo o caminho capitalista, criticar e repudiar as “autoridades” acadêmicas burguesas reacionárias e a ideologia da burguesia e de todas as outras classes exploradoras e transformar a educação, a literatura e arte, e todas as outras partes da superestrutura que não correspondem à base econômica socialista, de modo a facilitar a consolidação e desenvolvimento do sistema socialista.

Nesse período, intelectuais e suas famílias, burgueses e suas famílias, ex-proprietários de terra, pessoas suspeitas e seus amigos foram condenados e perseguidos. Além de prisão, as penas poderiam variar desde a “reeducação” no campo, humilhação e difamação pública, até a morte. De acordo com Jung Chang (2012), o número de mortes em decorrência da Revolução Cultural é estimado em 30 milhões.

Apesar de estudiosos como Jung Chang (2012) e Frank Dikötter (2017) reconhecerem o sofrimento gerado por Mao, há controvérsias sobre sua biografia: há quem interprete as ações de Mao como um mal necessário, como também há quem acredite que a violência manchou a imagem e as conquistas do Líder. Pinheiro-Machado (2013) também aponta uma contradição sobre seu governo: apesar de ter lutado contra o confucionismo e práticas dinásticas, suas posturas de autoritarismo e a veneração que recebia do povo se assemelhavam ao que se percebia nos impérios do passado.

Apesar das controvérsias, “na China de hoje, perguntado, o povo geralmente se pronuncia dizendo que Mao foi o líder responsável pela China atual com 70% de acertos e 30% de erros” (PINENT, 2015, p. 162). Isto é, o Grande Líder, apesar de ter assumido o poder de uma China pobre, isolada, rural e conflituosa e ter empreendido algumas ações que, do ponto de vista dos Direitos Humanos são questionáveis, entregou uma república estável,

urbanizada, moderna e relativamente aberta. Tais circunstâncias conferiram a ele a alcunha de arquiteto e fundador da República Popular da China.

2.3.2 De Deng

Deng Xiaoping, nascido em 1904, na província de Sichuan, região central da China, passa a governar o país em 1977. Esse líder, segundo Pinheiro-Machado (2013), foi também vítima da Revolução Cultural, já que, por não concordar com decisões como o Grande Salto, passou a ser considerado um traidor. Somente após a morte de Mao ele retornou ao alto escalão do PCC, ocupando o principal posto do partido um ano após esse acontecimento.

O professor Gelber (2012) descreve Deng como um sujeito rígido, forte e de estatura minúscula. O autor acrescenta ainda que o novo líder era pragmático e voltado a análises meticolosas. “Ele tinha o dom de captar o essencial – que o socialismo estatal da China era profundamente ineficiente – e concentrou-se na reforma interna como base de todo o progresso.” (GELBER, 2012, p. 413)

Tais características ajudam a entender a divergência de sua postura com a do Grande Líder. Diferente de Mao, Deng acreditava que o hermetismo do país era prejudicial para o seu crescimento. Assim, ele apresenta um “plano econômico diametralmente oposto ao que era exercido no período maoísta: uma abertura econômica e ingresso no livre-mercado nacional.” (PINENT, 2015, p. 166)

As “Quatro Modernizações” foram parte de um programa reformista do governo Deng. Ele visava, “(...) a partir da introdução gradual de uma regulação pelo mercado e da incorporação de elementos capitalistas, modernizar quatro pilares da economia: agricultura, indústria, exército e ciência e tecnologia (C&T).” (LEÃO, 2012, p. 156) Essas reformas do novo líder buscavam promover o que ele próprio chamou de “socialismo com características chinesas”. Pinent (2015) diz que se criou o conceito de “socialismo de mercado”, atribuído a ele e a China que construía: uma união entre capitalismo econômico e socialismo político.

Além dessas reformas, uma mudança de ordem cultural também foi promovida por Deng Xiaoping. Para Fairbank e Goldman (2008), essa mudança foi um movimento inverso ao da Revolução Cultural, isto é, em seu governo, foi diminuído o controle sobre a vida pessoal, social e cultural dos cidadãos. Intelectuais e artistas não eram mais reprimidos e reformas universitárias foram executadas.

Com isso, Deng desfazia o rompimento com o passado. Algo que revela essa condição, em Meissner (2009), é o fato desse líder ter “revivido” o confucionismo, perseguido desde o início da RPC. A filosofia - que valoriza virtudes como justiça, sabedoria e integridade - não apenas era utilizada nos discursos de Deng Xiaoping, como também era incorporada na política (PROSEKOV, 2018). Da mesma forma, heranças históricas como o daoísmo e o budismo eram retomadas pela sociedade chinesa.

Apesar do seu papel como reformador do Estado chinês, Deng Xiaoping também foi protagonista de um evento marcante do século XX: o incidente de Tiananmen³⁹. Em abril de 1989, manifestações estudantis - inicialmente organizadas para prestar homenagem a um membro do partido que havia falecido - escalam para protestos em larga escala, por todo país, demandando liberdade de imprensa, fim da corrupção e da inflação.

Ao longo de seis semanas, conforme Pinent (2015), o governo chinês e os manifestantes procuram evitar o uso da força. O primeiro, de forma inédita, conta o autor, chegou a atender diversas reivindicações dos estudantes. Fairbank e Goldman (2008) revelam, no entanto, que passadas algumas semanas, Deng entendeu que as manifestações seriam um desafio radical para o partido, devendo ser controladas pela força militar. Em junho, ele ordena que tropas sejam enviadas à Praça da Paz Celestial, epicentro das manifestações na capital chinesa. Os manifestantes foram violentamente reprimidos. Sobre o incidente, que por vezes é relacionado ao Quatro de Maio, Pinheiro-Machado (2013, p. 131) pondera: “A diferença de Tiananmen é que agora o fenômeno era televisionado e chocaria a opinião internacional (...).”

Ainda que tal evento tenha afetado a imagem da China no Ocidente (MARTI, 2021), Deng Xiaoping governou o país até 1992. Ele falece cinco anos depois e até hoje, revela Dillon (2014), é reverenciado pelo seu papel no desenvolvimento da RPC, que tirou milhões de pessoas da pobreza e propiciou que o país se tornasse uma das maiores economias do mundo.

³⁹ Tiananmen, ou “Praça da Paz Celestial”, explica Pinent (2017), é a praça central da capital Beijing. Considerada uma das maiores do mundo, é cercada de ministérios e prédios oficiais, além de pontos turísticos importantes, como a Cidade Proibida, o Museu Nacional da China e o Monumento aos Heróis.

2.4 Tensões geopolíticas da China: o caso de Taiwan

A ascensão da Nova China - termo cunhado por Wood (2022) ao se referir ao país asiático após a Revolução Cultural - foi repleta de tensões no campo geopolítico com alguns territórios, como é o caso da Ilha Formosa, também conhecida como Taiwan. Para compreender a origem das tensões entre a China continental e Taiwan, é essencial conhecer a história da ilha que, por sua vez, é repleta de disputas entre potências estrangeiras desde o período dinástico⁴⁰.

Li (2019) revela que, desde o século XVI, a referida ilha foi subjugada por países europeus, notadamente Portugal, Holanda e Espanha⁴¹. As investidas europeias são, de certa forma, interrompidas quando a dinastia Qing conquista definitivamente o território, convertendo-o em província chinesa no ano de 1886.

Entretanto, em 1895, por questões bélicas, o país precisou ceder a ilha ao Japão. Taiwan se torna uma colônia japonesa. É justamente neste ponto que nos aproximamos dos eventos que mais impactam as tensões atuais. Adentrando o século XX, o Japão irá colonizar Taiwan até o ano de 1945⁴². Importante lembrar que a China continental, nesse período⁴³, era a República da China, sob o comando do partido nacionalista. É este partido que, com uma ofensiva militar, expulsa os japoneses da ilha, unificando-a como parte da mesma República da China.

Em 1949, de acordo com Albert (2016), após a vitória dos comunistas na guerra civil e a fundação da República Popular da China, os derrotados no conflito, isto é, Chiang Kai-shek e os nacionalistas, decidem atravessar o oceano e se estabelecem na ilha de Taiwan. Além de fixar residência, os dissidentes mantêm a reivindicação do território enquanto República da China, passando a gerir⁴⁴ a ilha e sustentando o rompimento com a República Popular da China. Inicialmente, a comunidade internacional apoiou a posição de Chiang. Em 1979, no

⁴⁰ Li (2019) mostra, em sua linha do tempo, que a história da China com Taiwan inicia em 230, quando o imperador Sun Quan (dinastia Wu) envia tropas à ilha. Até a conquista pela dinastia Qing, várias outras dinastias irão enviar forças para o território.

⁴¹ Conforme Li (2019), Portugal foi o primeiro país europeu a chegar à ilha – a qual passaria a chamar de Formosa – no ano de 1590. O primeiro domínio, no entanto, só acontece em 1624, quando a Holanda estabelece uma colônia no local, onde permanece até 1662. Li (2019) explica que, nos anos seguintes, a Espanha também se faria presente na ilha até que, em 1683, a dinastia Qing conquista o território, que passa a fazer parte da China.

⁴² No período em que colonizou Taiwan, o Japão participou ativamente da Segunda Guerra Mundial. Li (2019) revela que o país enviou 270 mil pessoas de sua colônia para servir ao exército japonês.

⁴³ Como encontrado em Pinent (2015), a República da China foi fundada em 1912.

⁴⁴ O KMT (Kuomintang, nome do partido nacionalista) governa a ilha sob um regime marcial desde sua chegada, em 1949, até 1987. Albert (2016) revela que dissidentes políticos foram fortemente reprimidos. Apenas em 1989 foi legalizado o principal partido de oposição, o Partido Democrático Progressista.

entanto, após negociações nos bastidores, os Estados Unidos reconheceram oficialmente a República Popular da China.

Taiwan é uma ilha de 36 mil km² (figura 6), cercada pelos mares da China e pelo Oceano Pacífico, e separada do continente pelo Estreito de Taiwan. Seu idioma oficial é o mandarim e sua capital é Taipei. Taiwan possui uma população de 23,2 milhões de pessoas, sendo 95% constituída pela etnia Han (a mesma etnia predominante na China continental). Enquanto organização política, o sistema vigente pode ser caracterizado como uma democracia semipresidencialista.

Figura 6: Mapa da região de Taiwan



Fonte: Li, 2019

Economicamente, Taiwan vem em uma tendência de crescimento desde 2015, alcançando 6,57%⁴⁵ entre 2020 e 2021. No mercado internacional, o território tem aumentado

⁴⁵ Segundo dados do site do governo. Disponível em: https://www.taiwan.gov.tw/content_7.php. Acesso em: 23 de fevereiro de 2023.

sua participação na oferta de bens para a indústria tecnológica⁴⁶. Exportações, em 2020⁴⁷, aconteceram principalmente para a China continental, Estados Unidos, Hong Kong, Cingapura e Japão. Em termos de importação, o principal parceiro comercial de Taiwan também é a China continental, o que revela que há uma relação de interdependência econômica entre os territórios. Lin (2016, p. 1) chega a afirmar que “a prosperidade de Taiwan depende de sua interdependência econômica com a China”.

Com esse breve conhecimento do passado e presente da ilha, entramos no cerne do impasse do Estreito de Taiwan: seria Taiwan uma província da China continental? Ou seria um país soberano e independente? Em síntese, essas perguntas são as causadoras de tensão entre os dois territórios envolvidos, mas também com atores internacionais⁴⁸.

Em Beijing, a liderança do país acredita que Taiwan pertence à China desde a antiguidade. Essa afirmação foi divulgada em um relatório (Conselho de Estado da República Popular da China, 2022), onde também se lia: “Nós somos uma China, e Taiwan é parte da China. Isso é um fato indiscutível apoiado pela história e pela lei. Taiwan nunca foi um Estado; seu status como parte da China é inalterável.”⁴⁹ Na busca por reforçar a legitimidade da sua autoridade sobre a ilha, o governo chinês tem, inclusive, desde 2017⁵⁰, regulado a utilização de alguns termos⁵¹ pela mídia.

Do outro lado, Taipei sustenta que não é uma província da China. Até hoje chamada de República da China⁵², Taiwan considera que, desde a retirada do partido nacionalista para lá, em 1949, a ilha se manteve como território dessa república. Ou seja, a vitória do PCC teria se dado apenas na porção continental do país, enquanto os nacionalistas teriam seguido

⁴⁶ Uma matéria do Taiwan News (2023) fala sobre um dos bens de exportação que torna o território mais importante para a economia de outros países: os microchips - insumo utilizado na produção de bens tecnológicos como celulares e computadores. Atualmente, Taiwan domina mais de 50% do mercado internacional para esse produto. A mesma matéria também conta que, em 2022, as exportações de microchip cresceram em 18,4%.

⁴⁷ Dados da OEC (Observatory of Economic Complexity).

⁴⁸ Sobre relações internacionais, cabe acrescentar que, segundo o Ministério das Relações Exteriores de Taiwan, apenas 14 países reconhecem sua soberania: Essuatíni, na África; Vaticano, na Europa; Ilhas Marshall, Nauru, Palau e Tuvalu, na Oceania; e Belize, Guatemala, Haiti, Honduras, São Cristóvão e Neves, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas e Paraguai, na América. Até este momento, nenhum país da Ásia faz parte dessa lista.

⁴⁹ Tradução nossa.

⁵⁰ Dados do portal The China Project.

⁵¹ As orientações do governo foram divulgadas no jornal Xinhua, que foi fundado pelo PCC, em 1931. O portal The China Project explicou que o conteúdo se tratava de um guia de estilo, orientando sobre a proibição de determinados termos “vulgares ou racistas”, bem como a forma correta de abordar temas políticos, como o caso de Taiwan. Nessa questão, estão orientações como: “Taiwan é uma província da China, mas em consideração aos sentimentos das pessoas de Taiwan, use ‘região de Taiwan’, ou ‘Taiwan’, ao invés de ‘província de Taiwan’”; e “Não se refira a empresas de Hong Kong ou Taiwan como empresas estrangeiras.”

⁵² Aquela fundada em 1912 por Chiang Kai-shek.

soberanos em Taiwan. No site do governo⁵³, encontramos: “As autoridades em Beijing nunca exerceram soberania sobre Taiwan ou outras ilhas administradas pela República da China.”

Como mencionamos anteriormente, atores internacionais também fazem parte desse impasse. O principal nome a tensionar a situação são os Estados Unidos. O país afirma, no site do seu Departamento de Estado⁵⁴ que, desde 1979, quando de um comunicado conjunto com a RPC, “reconheceu o governo da República Popular da China como o único governo legal da China, aceitando a posição chinesa de que há apenas uma China, e Taiwan é parte da China.”

Por outro lado, nesse mesmo acontecimento, os Estado Unidos reconheceram seu compromisso com a segurança de Taiwan e a resolução pacífica das relações com a China continental. Isso teria sido “(...) importante para a credibilidade dos EUA com outros aliados e amigos que contavam com os Estados Unidos para a sua segurança, e para manter paz e estabilidade no leste asiático de forma ampla.” (BERGSTEN et al., 2008, p. 174)

Ainda por volta do mesmo período, o país norte americano passa o “Ato das Relações com Taiwan”, onde, conforme Bergsten et al. (2008), praticamente assumia um compromisso oficial de defesa da ilha. Isso incluía, por exemplo, o fortalecimento da defesa do território com a venda de armamentos⁵⁵, que vai acontecer de 1979 até os dias de hoje. Esse contexto, segundo os autores, faz com que o governo em Beijing frequentemente acuse⁵⁶ os Estados Unidos de promover a separação e prevenir a unificação.

O cenário que vemos hoje é de uma China mais determinada a realizar a reunificação, e disposta a fazer isso de forma pacífica, desde que não haja interferência externa. O porta-voz do PCC, durante o 20º Congresso Nacional do partido, explicou: “Quando não prometemos renunciar o uso de força, não estamos mirando nos nossos compatriotas de Taiwan, mas sim em interferência estrangeira, e em um número extremamente pequeno de indivíduos pró ‘independência de Taiwan’ e suas atividades separatistas. (...) O objetivo é avançar em um processo pacífico de reunificação da China.” (CONSELHO DE ESTADO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2022)

⁵³ Disponível em: https://www.taiwan.gov.tw/content_3.php. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.state.gov/countries-areas/taiwan/>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2023.

⁵⁵ Albert (2016) diz que, em dezembro de 2015, os Estados Unidos divulgaram a venda de 1,83 bilhões de dólares em armas para Taiwan. A autora também diz que, entre 1979 e 2014, o território foi o nono maior receptor de armas do mundo, sendo ¾ das importações oriundas dos Estados Unidos.

⁵⁶ Em fevereiro de 2023, o jornal chinês China Daily publicou uma coluna de opinião onde diz que Washington não se importa com a saúde e bem-estar de Taiwan. Afirmou ainda que o único interesse dos EUA é usar a ilha para os próprios interesses, “mesmo que isso envolva mudá-la de peça de xadrez, para bucha de canhão”.

A liderança de Taiwan, por sua vez, segue resoluta: afirma que resistirá contra subordinações, anexações e ameaças à soberania⁵⁷. Os Estados Unidos seguem na mesma linha, enquanto enviam reforços militares à ilha. Ely Ratner, secretário assistente da Defesa estadunidense, explicou, em 2022, que uma prevenção integrada está acontecendo com objetivo de “dissuadir o presidente chinês, Xi Jinping, de pensar que há uma saída rápida e de baixo custo, com a qual eles possam executar uma invasão.” No mesmo ano, esse secretário também afirmou que o acontecimento de um grande incidente na região de Taiwan é apenas questão de tempo (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS EUA, 2022).

2.5 O *Soft Power* chinês

A China - como vimos, oficialmente denominada como República Popular da China -, é um país do leste asiático com proporções continentais: seu território se estende por aproximadamente 9,4 milhões de km², colocando-o em segundo no ranking global, conforme dados de 2020 do Banco Mundial. A mesma fonte também aponta que, em 2021, a China alcançou a posição de país mais populoso do mundo, abrigando 1,4 bilhão de pessoas.

Em termos econômicos, a China também tem se destacado no cenário global. Conhecido como a segunda maior potência do mundo, ainda segundo o Banco Mundial, em 2021 o país atingiu a marca de 17,7 trilhões de dólares em PIB (produto interno bruto). Para fins de comparação, os Estados Unidos, principal potência mundial, alcançou quase 23 trilhões de dólares no mesmo ano. Já o Brasil, no mesmo período, teve um PIB de aproximadamente 1,6 trilhão de dólares. Em reportagem da BBC de 2021, as projeções apontam para um crescimento econômico contínuo, fazendo o país ultrapassar os Estados Unidos em 2028, cinco anos antes do que se previu anteriormente.

Ao analisar estes dados, é possível perceber que o país se destaca no cenário internacional. Por esse motivo, o debate sobre o *soft power* chinês tem se intensificado ao longo dos anos. Como veremos na sequência, essa discussão é marcada por contradições e opiniões divergentes⁵⁸.

⁵⁷ Afirmação encontrada no site da liderança de Taiwan. Disponível em: <https://www.taiwan.gov.tw/politics.php>. Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

⁵⁸ Uma informação importante, no entanto, sobre o que será exposto aqui, é que grande parte da bibliografia encontrada é de produção ocidental. Mesmo os autores de origem chinesa aqui citados conduzem seus trabalhos em instituições não asiáticas. Portanto, é interessante ter em mente que a visão apresentada tem essa característica, ainda que, se pensarmos que *soft power* tem relação com que os outros percebem de um país, essa condição não resulta em discordância.

Para começar, pretendemos compreender a situação recente da China quanto ao seu *soft power*. Sobre o tema, Krukowska (2015) inicia seus argumentos dizendo que o país é, de fato, um dos maiores atores no âmbito das relações internacionais. “No entanto, sua força atual é baseada principalmente em recursos financeiros e econômicos, com limitada capacidade em *soft power*.”⁵⁹ (KRUKOWSA, 2015, p. 1) Shambaugh (2015, p. 99), por sua vez, afirma que a China apresenta uma imagem mista no cenário internacional, pois “enquanto a destreza econômica chinesa impressiona grande parte do mundo, seu sistema político repressivo e práticas mercantilistas de mercado mancham sua reputação.”

Outro autor que explora o cenário chinês desde 2010 é Wang (2011). No mesmo sentido do que fora apresentado acima, Wang (2011, p. 5) afirma que “o consenso parece ser que a China pode ter adquirido mais força econômica e militar desde o início da reforma⁶⁰, no final dos anos 1970, mas o país continuou fraco no seu poder simbólico.” O autor pondera, todavia, que a imagem de um país não é um conceito único, mas uma noção multidimensional. Ou seja, a mesma pessoa poderia gostar ou desgostar de diferentes aspectos do mesmo país. Ao dar seguimento ao seu raciocínio, Wang (2011, p. 6) diz que a China teria uma divisão em sua imagem, marcada por uma percepção diferente do país enquanto governo e enquanto sociedade:

Evidências anedóticas, bem como resultados de pesquisa sugerem que a cultura e tradição chinesa tendem a ser apreciadas e admiradas por públicos estrangeiros, ao passo que suas políticas e administração estão em uma posição muito inferior.

Para obter um retrato do sentimento de outros povos em relação à China, o Centro de Pesquisa Pew (Pew Research Center⁶¹) conduz uma série de pesquisas quantitativas e qualitativas, que incluem indivíduos de vários continentes. Na figura 7, podemos observar um mapa que indica que, entre os 34 países analisados, 11 países revelaram ter aprovação da China por mais de 50% dos respondentes.

Os critérios analisados na pesquisa em questão levaram em consideração aspectos econômicos. Ou seja, objetivou-se entender qual a percepção do respondente quanto à gestão econômica chinesa. A imagem de um país bem-sucedido nesse campo, como vimos anteriormente, pode ser um recurso de *soft power* positivo. Ao observar o mapa, percebemos, também, alguns padrões que podem representar influências de relações históricas e contemporâneas: aliança sino-russa (melhor resultado); passado belicoso entre China e Japão

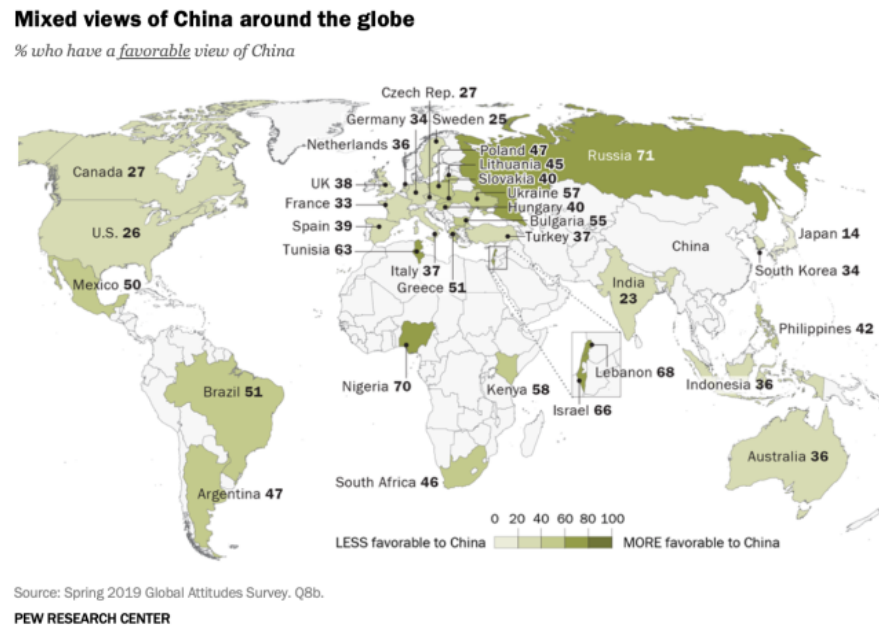
⁵⁹ Tradução nossa.

⁶⁰ Reformas de Deng Xiaoping.

⁶¹ Centro de pesquisa apartidário estadunidense. Suas metodologias de pesquisa estão disponíveis em <https://www.pewresearch.org/our-methods/>

(pior resultado); e a crescente presença de programas chineses em países da África, como a Nigéria (resultado positivo).

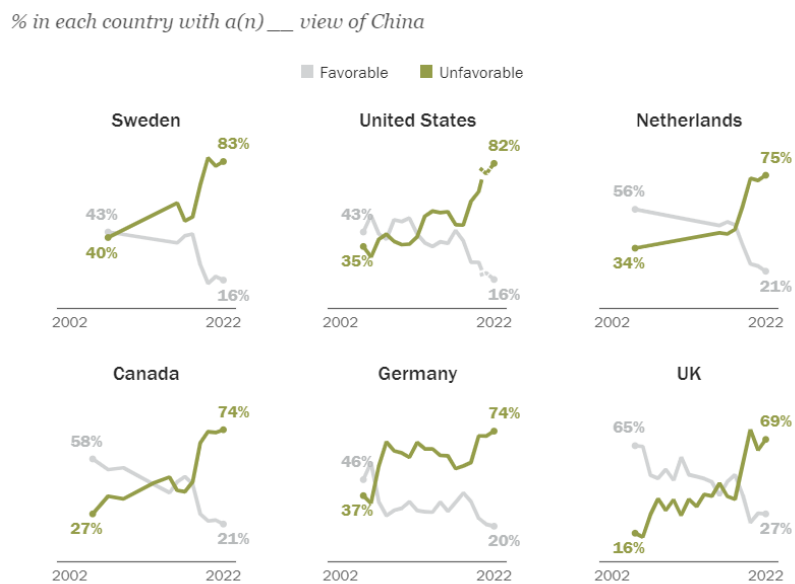
Figura 7: Mapa de favorabilidade em relação à China



Fonte: Pew Research Center, 2019

O mesmo centro de pesquisa revela, em outros trabalhos que, em geral, a percepção da China vem declinando em diversos países. O gráfico 1 mostra o movimento entre apoiadores e críticos do país. Neste caso, houve liberdade para que os respondentes usassem os critérios que julgassem mais importantes para a formação de opinião.

Gráfico 1: Alteração de opinião com relação à China



Fonte: Pew Research Center, 2022

Nos gráficos anteriores, observamos que todos os países em questão vêm apresentando forte alta nas opiniões negativas em relação à China. Em sua análise, o centro de pesquisa Pew revela que tal resultado se dá, entre outros motivos: (1) pela percepção quanto ao atual presidente Xi Jinping, que seria visto como excessivamente controlador e autoritário; (2) pelo país ser considerado uma ameaça, no sentido de uma possível dominação militar, econômica ou política de outros territórios; (3) e, mais recentemente, pela pandemia do Covid-19, que teve seu início na cidade de Wuhan. Este último acontecimento gerou, inclusive, ondas de violência e discriminação contra pessoas asiáticas “com aparência chinesa”⁶², como contam Gao e Liu (2021).

Resgatando a ideia de Shambaugh (2015), de que a China possui uma imagem mista no cenário internacional, consideramos o que apresentam as pesquisas do Pew Research Center como um indicativo de tal argumento. O centro indica em seus trabalhos que, apesar da opinião negativa crescente quanto à China, os motivos são massivamente direcionados a questões de governabilidade. Ou seja, direcionados ao país enquanto Estado, e não enquanto nação. As pessoas, cultura e tradição chinesas, assim como vimos em Wang (2011), tendem a ser vistas de maneira positiva por públicos estrangeiros. Entre algumas respostas para pesquisa qualitativa⁶³ de 2021, os participantes dizem sobre a China, por exemplo: “Um povo inovador, inteligente e trabalhador.”; “História maravilhosa”; “Bela arquitetura e cultura”; “Comida deliciosa”; “Muralha da China”; “Povo com senso de comunidade”.

Sobre a forma negativa que o mundo vê a China, Wang (2011) diz que ela está frequentemente ligada à tentativa do Ocidente em conter o desenvolvimento do país. Para o autor, há falta de entendimento do passado e presente da China, tanto na retórica oficial como no discurso entre públicos estrangeiros e mídia. Isso se daria, segundo ele, por pura ignorância ou por preconceitos inerentes.

Essas colocações vão ao encontro das análises feitas por Mitter e Johnson (2021), que discorrem sobre os equívocos de interpretação que ocidentais cometem ao tentar “entender” a China. Estes autores revelam que há uma constante tendência de comparação e presunção de que a forma de governar e alcançar bons resultados enquanto nação é aquela praticada por Estados do Ocidente, apoiados, principalmente, em sistemas político-econômicos baseados em capitalismo, neoliberalismo e democracia. Mitter e Johnson (2011) argumentam, por

⁶² Tradução nossa para o termo “Chinese-looking Asians”

⁶³ Realizada por Pew Research Center, entre estadunidenses (2021) – Disponível em <https://www.pewresearch.org/global/2021/06/30/most-americans-have-cold-views-of-china-heres-what-they-think-about-china-in-their-own-words/>

exemplo, que diferente do que se entende no hemisfério oeste, a China prova que democracia não é um requisito para desenvolvimento. O país mostraria ainda que uma gestão comunista e autoritária pode não apenas trazer crescimento, mas também ser aprovada e defendida por seu povo.⁶⁴

Após vislumbrar essas duas faces da imagem e *soft power* da China, acrescentamos o olhar analítico do estadunidense James Fallows (2008). O autor, que é escritor e jornalista, além de ex-diretor de discursos na Casa Branca, foi *speechwriter* (em tradução literal, escritor de discurso) do presidente Jimmy Carter. Com essa experiência em gestão da comunicação política e governamental, Fallows (2008, n.p) pondera sobre o que ele considera uma forma desajeitada da China se apresentar para o mundo: “A China, como qualquer país grande e complexo, é uma mistura de prós e contras. Mas raras vezes eu vi uma estrutura de governo e comunicação tão consistente em esconder os lados bons e destacar os maus.”

Depois de refletir sobre o que acadêmicos expõem quanto ao *soft power* chinês e observar pesquisas de opinião recentes que retratam imagens (ou imagens-conceito) percebidas do país, é necessário entender qual seria, então, o desejo da China para esse tipo de poder. A liderança do país vem se atentando quanto à importância de disseminar a sua cultura e seus valores. Ballerini (2017) conta que, em 2012, em Congresso do Partido Comunista, Hu Jintao, presidente do país à época, afirmou que “cultura é a seiva da nação”, e a partir dessa colocação, divulgou programas para promover o país a partir da combinação entre arte milenar e turismo, língua, educação e novas mídias.

Ballerini (2017) ainda conta que o presidente atual, Xi Jinping, em 2014⁶⁵, também fez sua declaração sobre o tema, reforçando a necessidade de aumentar o poder suave chinês e buscar transmitir melhor a mensagem chinesa ao mundo. Mais recentemente, em outubro de 2022, no 20º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês⁶⁶, Xi Jinping fez declarações sobre melhor apresentar a China e sua cultura socialista, clamando por aumento de *soft power*. O presidente citou ainda seu entendimento sobre a importância da comunicação nesse processo:

Nós vamos fortalecer nossas capacidades de comunicação internacional, tornar nossa comunicação mais efetiva, e batalhar para consolidar a voz da China nas

⁶⁴ Os autores citam que, em 2020, uma pesquisa do Ash Center (centro de estudos de administrações democráticas e inovação em Harvard) indicou que, entre chineses, haveria 95% de satisfação com o governo. Eles ainda mencionam que muitos chineses acreditam que as conquistas recentes do país aconteceram por causa da forma autoritária de governar, e não apesar dela.

⁶⁵ Um ano após a sucessão de Hu Jintao.

⁶⁶ Como reportou o jornal Xinhua (2022).

relações internacionais, para que possa se equiparar com nossa força nacional complexa e nosso status internacional. (...) Nós vamos intensificar intercâmbios e aprendizado mútuo com outras civilizações e melhor apresentar a cultura chinesa para o mundo. (XI JINPING, 2022)

Ainda sobre o objetivo da China para a construção de seu *soft power*, vale mencionar o conceito de “*Chinese Dream*” (sonho chinês). Kong (2019) conta que o termo foi proposto por Xi Jinping em 2012 e vem sendo repetido ao longo de seus discursos desde então. *Chinese Dream* é um ideal estabelecido para a sociedade chinesa que baliza decisões em vários âmbitos, inclusive no da cultura. Kong (2019) diz que o *Chinese Dream* de Xi Jinping dá ênfase à relação entre o desenvolvimento individual e a prosperidade do país, o que estaria apoiado no tradicional coletivismo da China. A autora coloca que o conceito está ligado ao patriotismo, e que estimula o entendimento da história e cultura chinesas.

As estratégias e recursos que o país utiliza para aumentar seu *soft power* são várias e, assim como vimos em Nye (2004), se dividem em iniciativas estatais e privadas. As iniciativas estatais, segundo Ballerini (2017, p. 81), ficam sob o controle do Departamento de Informação do Conselho do Estado, órgão este que, “(...) além de controlar a mídia e censurar os dissidentes também é responsável pela exportação da cultura chinesa e por construir a nova imagem do país.” O mesmo autor explica que a China imperial marcou o mundo e que, hoje, procura resgatar a arquitetura, caligrafia e língua em grandes eventos, que ele exemplifica através dos Jogos Olímpicos de 2008. Na esfera do entretenimento, Ballerini (2017) lista como recursos de *soft power* as artes marciais e dramas românticos para televisão. Até mesmo a celebração do ano novo chinês, que se espalhou por todo o mundo, é citada pelo autor como um desses recursos.

Shambaugh (2015) também menciona recursos da mesma natureza. Ele ainda revela um ângulo que permite perceber a intensidade com que a China conduz essa missão de melhorar seu *soft power*. Em 2015, o autor conta que analistas estimavam um investimento anual de 10 bilhões de dólares em “propaganda externa”. Para comparação, ele apresenta os números dos Estados Unidos no ano anterior para o mesmo fim: 666 milhões de dólares.

Com o termo propaganda⁶⁷ podemos adentrar uma problematização feita por alguns autores. Na divisão entre iniciativas do estado e da sociedade civil, no caso da China, haveria uma dinâmica que torna a primeira majoritária, enquanto a segunda é alvo de regulações e censura. Nye (2015) afirma que o país adotou a visão de que o governo é a principal fonte de

⁶⁷ O termo propaganda é entendido aqui como uma ferramenta de relações públicas, conforme a ideia defendida por Dantas (2016).

soft power. Nesse contexto, em programas estatais voltados com esse objetivo, autores como Nye (2015) e Shambaugh (2015) concordam que há uma tendência de optar por abordagens de propaganda. Ações com essa natureza, segundo Nye (2015), receberam pouca audiência no cenário internacional, como o caso da Xinhua⁶⁸ e a China Central Television⁶⁹.

Como crítica a essa utilização quase exclusiva dos recursos estatais em suas estratégias, Nye (2015) aponta que a China se limita ao não se apropriar completamente de uma sociedade sem censura. No país, a geração não estatal de informação e manifestações culturais é alvo de regulação, manipulação e censura, segundo Shambaugh (2015). Para Krukowska (2015), no entanto, há um movimento lento de inclusão da sociedade civil chinesa nesse cenário, desde os anos 2000. Ela afirma que “o controle estatal da imprensa e outras mídias tem reduzido, e o governo parece finalmente consciente de que suas políticas internas influenciam sua imagem no exterior.” (KRUKOWSKA, 2015, p. 9)⁷⁰

Então, pode-se dizer que, com um dos mais fortes poderes militares e a segunda maior economia do mundo, a China possuiria sólidos recursos de *hard power*. No entanto, se voltarmos a pensar sobre os resultados das pesquisas do Pew Research Center, no que diz respeito aos principais motivos para visões negativas quanto à China, perceberemos que os mesmos aspectos políticos e militares são considerados como fatores negativos pelos respondentes.

Esta contradição, segundo Ballerini (2017), obrigou a China a investir altas quantias para aumentar seu *soft power* para, então, tentar esconder os reflexos de seu *hard power*. Assim, o cenário observado através das colocações deste e dos outros autores abordados até agora é de que uma melhora na imagem internacional da China não dependeria apenas da eficácia de seus recursos de *soft power*, mas também da revisão de seus valores e práticas, em especial daquilo que vai de encontro aos padrões ocidentais.

⁶⁸ Xinhua é a agência de notícias oficial da China. Está presente em mais de 100 países, segundo Krukowska (2015), mas não teria muito impacto na opinião pública em países do ocidente, já que é tida como uma agência controlada pelo Estado.

⁶⁹ China Central Television (CCTV) é uma emissora estatal que, desde 2000, lançou um canal internacional, com programação com 6 idiomas. Shambaugh (2015) conta que a rede está buscando alterar o teor propagandístico do seu conteúdo, tornando-o mais amigável ao espectador.

⁷⁰ Tradução nossa.

Por conta disso, a China tem investido na indústria cultural⁷¹ como uma maneira de propagar seus valores culturais no exterior, sobretudo em países que possuem algum tipo de animosidade política com o país. Entre as atrações exportadas estão as séries *xianxia* - gênero de fantasia chinesa influenciado pela mitologia do país, por artes marciais, medicina tradicional, crenças populares e outros elementos chineses tradicionais.

⁷¹ Os países asiáticos possuem tradição em converter a indústria cultural como ferramenta de *soft power*. É o caso da Índia, Irã e Coreia do Sul. Outros países, como a Turquia, investem tanto na Indústria Cultural quanto na diplomacia como elemento de *soft power*, como nos contou DANTAS (2022), no caso da o caso da Declaração de Teerã.

3. O GÊNERO *XIANXIA*: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA SÉRIE AMOR ETERNO (2017)

3.1 *Xianxia*

Como apresentado na introdução, *xianxia* é um elemento central deste trabalho. Entendemos que sua definição seja, portanto, importante para a compreensão do objeto e, posteriormente, da análise. Por isso, iniciamos este capítulo com uma breve explicação acerca do gênero literário e televisivo de fantasia, cuja origem, como contam Gong e Tse (2012), é exclusivamente chinesa.

Xianxia é um termo em mandarim composto por dois caracteres: 仙 (*xiān*), cujo significado é imortal ou divindade; e 俠 (*xiá*), que pode ser traduzido em herói, ou heroísmo. Assim, a combinação, como sintetiza Ge (2022, p. 1022), significa “herói imortal”. A palavra “imortal”, de acordo com Jing (2021), revela a distinção do *xianxia* com outros gêneros: a forte presença de elementos do daoísmo. A autora também explica que a construção do universo *xianxia* está baseada na mitologia chinesa, que é complexa e composta por tradições de diferentes indivíduos, recortes temporais e contextos geográficos.

Todavia, por se tratar de fantasia, as obras do gênero *xianxia* geralmente não estipulam um período temporal definido. Por outro lado, por se basearem em mitologias que surgem na China há milhares de anos, veremos mais adiante que existem referências do período dinástico. Além disso, o referido gênero é derivado do tradicional *wuxia*⁷², mas seus personagens, ao invés de praticarem artes marciais, praticam *fashu*. Os autores explicam:

Fashu é uma arte fictícia que combina artes marciais, alquimia e mágica. O objetivo da prática do *fashu* é a imortalidade, mas em muitos casos os praticantes alcançam apenas a longevidade. Na maioria das histórias, *fashu* é subdividido em três categorias: *daofa*, *fafa* e *yaofa*. *Daofa* e *fafa* são baseados, respectivamente, nas crenças daoístas e budistas, e os seus praticantes se consideram membros do *zhengdao* (o caminho correto). Eles condenam praticantes de *yaofa* como *xiedao* (o caminho do mal) e lutam juntos contra eles. A luta entre as tribos rivais e a busca pela imortalidade são dois grandes temas dessas histórias. (GONG e TSE, 2012, p. 104)⁷³

⁷² Granholm (2022) define *wuxia* como um dos gêneros mais antigos da literatura chinesa. Similar ao *xianxia*, o foco também se dá no heroísmo, na busca por justiça e na luta contra o mal. A diferença é que, no *wuxia*, não há ênfase no sobrenatural.

⁷³ Tradução nossa.

O gênero *xianxia* também pode ser englobado em um tipo de séries chamadas “*doramas*”⁷⁴ ou, mais especificamente, “*c-drama*”. Ao lado de “*k-drama*” (dramas coreanos) e “*j-drama*” (dramas japoneses), os dramas chineses podem apresentar diversos gêneros, com enredos que abordam tempos remotos ou mais contemporâneos. Entre os títulos disponíveis no universo do “*c-drama*”, é possível encontrar dramas românticos, comédias, tramas policiais, entre outros.

Uma característica relevante desses gêneros e, claro, do *xianxia*, é que, internacionalmente, eles são consumidos majoritariamente pela Internet. Plataformas de streaming como *Netflix*, *Viki* e *WeTV* são opções para públicos de centenas de países terem acesso às produções chinesas. Com esse tipo de consumo, Jing (2021) aponta que, no *xianxia*, metade da audiência é jovem, abaixo dos 24 anos. A afinidade dos fãs com o gênero faz com que se criem comunidades online para promover suas séries favoritas.

3.2 Amor Eterno (2017)

Entre as várias atrações pertencentes ao gênero *xianxia*, destaca-se a série televisiva *Amor Eterno* (2017), que também leva o nome de “Três Vidas, Três Mundos: Dez Milhas de Flores de Pessegueiros” (三生三世十里桃花, chinês simplificado; *Sān shēng sānshì shíli táohuā*, pinyin), é considerada um drama chinês do gênero *xianxia*. Produzida por estúdios de Shanghai e Beijing (Gcoo Entertainment, Jay Walk Studio e San Weihuo), as filmagens de *Amor Eterno* aconteceram em Xiangshan, no leste da China, e em Yunnan, no sudoeste do país. À época de seu lançamento, sua exibição se deu pelas emissoras Zhejiang Television e Dragon Television, ambas com alcance nacional. Na figura 8, podemos observar o pôster de lançamento da série.

⁷⁴ O termo, apesar de amplamente utilizado, é, na verdade, um dos nomes que se dá para os seriados japoneses. A palavra é utilizada, como coloca França (2011), principalmente por fãs na internet, e é o modo de leitura japonês para o termo “drama”.

Figura 8 – Pôster de lançamento de Amor Eterno (2017)



Fonte: Portal TVQC, 2018

O drama para a televisão é uma adaptação de um romance literário de mesmo nome, escrito em 2015, por Tang Qi Gong Zi. A história retratada acontece em um mundo fantasioso, coabitado por imortais, deuses e monstros. Apesar de remeter ao passado, não possui um recorte temporal definido. O drama romântico tem como protagonistas dois imortais, Bai Qian e Ye Hua, que vivem um amor que perdura por três vidas. Ambos com posições importantes em suas tribos, eles também precisam enfrentar as ameaças frequentes à paz em todo o mundo.

Na China, Amor Eterno foi um sucesso de audiência. Pouco mais de um ano após sua exibição na TV, a série ultrapassou 50 bilhões de visualizações em plataformas de streaming nacionais, se tornando a mais assistida do país. Internacionalmente o drama também conquistou uma posição inédita: foi o primeiro programa de TV chinês a ser reconhecido no fórum de ficção do Festival MIPTV em Cannes.

O alcance internacional se dá até hoje, principalmente pela presença da série em grandes nomes do streaming. A plataforma Viki, que alcança aproximadamente 190 países, tem seu catálogo focado em dramas do leste asiático (China, Coreia, Japão e Taiwan). Em 2019, Amor Eterno entrou para esse catálogo com legendas em 19 idiomas. O drama também está disponível em alguns países através da Netflix onde, atualmente, oferece legendas em 10 idiomas.

Outra forma acessível com que Amor Eterno alcança o exterior é através do YouTube. A produtora Croton (do mesmo grupo da Geco Entertainment) disponibiliza os 58 episódios da

série em seu canal na plataforma, com 11 opções de legenda, tendo atingido, ao todo, mais de 555 milhões de visualizações. A possibilidade de deixar comentários em cada vídeo faz com que se construa um engajamento ainda maior com os usuários e fãs da série.

3.2.1 Trama

Bai Qian (Yang Mi), uma jovem imortal de aproximadamente 20 mil anos, é levada pelo alto deus Zhe Yan (Ken Chang) até a Montanha Kunlun, onde será discípula de Mo Yuan (Mark Chao), o deus da guerra. No entanto, por convenção, este deus não aceita mulheres como discípulas. Dessa forma, Zhe Yan lança um feitiço sobre Bai Qian, fazendo-a tomar forma de homem e se tornar Si Yin, o 17º discípulo de Mo Yuan. A jovem, que na verdade é filha do imperador da tribo das raposas de nove caudas, fica ao lado do mestre e de seus 16 irmãos por milhares de anos, sempre escondendo sua verdadeira identidade.

Na montanha, Si Yin aprende artes marciais, a cultivação daoísta, o conhecimento de guerra e valores de vida. Na Montanha Kunlun, uma fonte é espaço para várias flores-de-lótus. Uma delas, dourada, protegida por Mo Yuan, terá atenção e cuidado especial de Si Yin. Com o passar dos dias na montanha, um homem em forma de alma dourada (figura 9) passa a interagir com o 17º discípulo, apesar deste não ver ou ouvir sua presença.

Figura 9: Cena com Si Yin, o homem dourado e, ao fundo, Mo Yuan



Fonte: Amor Eterno, 2017

O conflito central de toda a série se dá entre a Tribo Celestial e a Tribo Fantasma. Esta última é liderada pelo cruel Qing Cang (Yiming Lian) que, após anos de submissão ao imperador celeste, decide se rebelar. Uma guerra se organiza, com Mo Yuan à frente da defesa

da Tribo Celeste. Após quase ser derrotado, o líder fantasma recorre a um artefato mágico, criado pelo próprio deus da guerra: o Sino do Imperador do Leste, capaz de destruir todo mundo. A única forma de selar o artefato e parar seus efeitos é sacrificar um espírito forte. Sendo assim, para proteger todas as pessoas, Mo Yuan entrega sua vida e prende Qing Cang dentro do sino. Sua ação dá ao mundo 70 mil anos de paz, mas deixa Si Yin, que tinha uma relação paternal com seu mestre, desolada.

Sem aceitar a morte de Mo Yuan e decidido a salvá-lo, Si Yin não permite que ele receba um funeral, e foge de Kunlun com seu corpo, escondendo-se em sua toca de raposa, em Qing Qiu. Na época da sua fuga, com a intenção de recuperar o corpo do deus da guerra, o filho mais velho do Imperador celestial vai até a Montanha Kunlun junto de sua esposa. Lá, ela toca na flor-de-lótus dourada, que imediatamente se torna uma luz que envolve a princesa. Algum tempo depois, ela dá à luz ao príncipe herdeiro, Ye Hua (Mark Chao), o neto pródigo do Imperador celestial. Desde pequeno, Ye Hua se destacou nos estudos, nas artes marciais e na cultivação.

Como dito, o sacrifício de Mo Yuan daria ao mundo 70 mil anos de paz: após esse período, Qing Cang seria capaz de se libertar no sino. Sendo uma das poucas pessoas que conheciam a magia para selar o artefato, Si Yin, agora Bai Qian, sai secretamente para essa missão perigosa. Apesar de alcançar seu objetivo, ela é atingida por um feitiço de Qing Cang, que faz com que ela se torne uma mortal, perdendo toda sua memória e poderes imortais.

Ao acordar no mundo mortal, Bai Qian não conhecia sua identidade, não tinha um nome e não sabia onde estava. Ela encontra, então, uma casa abandonada em uma montanha, que se tornará seu lar. Ali, vive por anos sozinha – na verdade, acompanhada por animais que ela encontra na floresta. Nesse mesmo período, Ye Hua é enviado para uma missão no mundo mortal: ele precisa capturar uma besta sobrevivente da Tribo Fantasma. Durante a tarefa, o príncipe precisa tomar a forma de seu corpo real: um dragão. Na luta, ele se machuca, precisa se refugiar na montanha, e transforma seu corpo para um tamanho muito menor, se assemelhando ao de uma cobra (figura 10). É assim que ele e Bai Qian irão se conhecer.

Figura 10: Cena com Susu e Ye Hua, em seu corpo de dragão diminuído



Fonte: Amor Eterno, 2017

O príncipe herdeiro, até então imune ao amor, passa a conviver com ela e lhe dá um nome: Susu. Sem revelar sua identidade, Ye Hua passa a morar com Susu na montanha, onde se casam e levam uma vida simples. Secretamente, ele ainda precisava se responsabilizar pelos assuntos da Tribo Celestial, e outros conflitos passaram a se organizar. Durante uma batalha, quando Ye Hua foi gravemente ferido, o Imperador Celestial descobre a existência de Susu. Ela é levada ao céu, onde, por ser uma mortal e ter supostamente seduzido o príncipe herdeiro, é ameaçada e tratada com hostilidade. Sua vida é salva pois é constatada sua gravidez.

Para protegê-la, Ye Hua compartilha com Susu que precisará tratá-la com desdém e indiferença. Só assim o Imperador acreditaria que ela não tinha importância para o herdeiro, e não representaria uma ameaça ao seu legado. Confusa e com profunda tristeza pela forma que foi tratada pela Tribo Celeste, logo após dar à luz ao seu filho, Susu decide se jogar do Terraço Zhuxian. Esse espaço mágico seria fatal para um mortal. Mas Susu, na verdade, era a alta imortal Bai Qian.

Após pular, ela acorda no Bosque dos Pessegueiros, agora, uma alta deusa: seu drama romântico fora uma provação para elevação. Decepcionada com o acontecido, ela decide tomar uma poção do esquecimento que elimina suas memórias mortais, inclusive a de Ye Hua. O príncipe herdeiro, também desolado, chora a suposta morte de sua amada, Susu. Centenas de anos se passarão e ele seguirá procurando formas de trazê-la de volta.

Trezentos anos após retornar de sua provação, Bai Qian, que não gosta de eventos sociais, acaba por precisar comparecer à festa de aniversário de um monarca. Nesse evento,

ela e Ye Hua se encontrarão. De início confuso, ele logo entende que ela era Susu. Bai Qian, por outro lado, com suas memórias apagadas, não compreende e rejeita o tratamento efusivo que recebe do príncipe. Um pouco antes de conhecer Susu, por questões diplomáticas, um casamento entre Ye Hua e Bai Qian havia sido arranjado pelo Imperador Celestial e o Imperador Raposa. Agora que havia descoberto que Susu era, na verdade, sua noiva prometida, Bai Qian, o herdeiro do trono passou a investir em conquistar o amor da antiga discípula de Mo Yuan.

Enquanto tudo acontecia, Mo Yuan, cujo corpo era conservado em uma caverna mágica na terra das raposas, passou a dar sinais de que retornaria. No processo de reconstruir seu espírito, a alma de Mo Yuan precisou se abrigar e utilizar a força do príncipe do Mar do Oeste, que acabou por ficar acamado nesse processo. Agora de fato envolvida com Ye Hua, Bai Qian descobre a situação de seu mestre e passa a se dedicar a ajudá-lo a retornar. Ela faz isso com o apoio do príncipe herdeiro, que coloca sua vida em risco para produzir um elixir mágico importante para o objetivo.

Mo Yuan de fato volta à vida e logo se descobre que a sua flor-de-lótus dourada era, na verdade, o espírito de Ye Hua, que era seu irmão. Logo após esse acontecimento feliz, no entanto, Bai Qian, ao quebrar um artefato mágico, resgata todas as suas memórias. Toda a tristeza que viveu enquanto Susu é lembrada e ela decide, por isso, romper o noivado com seu amado. Nesse mesmo momento, algo de grande perigo acontecia: o retorno do deus da guerra significava também o enfraquecimento do selo que prendia Qing Cang no sino.

O líder fantasma consegue, de fato, se libertar. Centenas de soldados celestiais o esperavam nesse momento, mas nenhum foi capaz de contê-lo. Bai Qian também chega ao local e tenta subjugar Qing Cang. Nesse momento, Ye Hua aparece, afasta sua amada do conflito e assume a luta. Vencido por uma combinação de artes marciais e magia, Qing Cang não aceita esse resultado e, outra vez, aciona o Sino do Imperador do Leste.

Como mencionado anteriormente, selar o sino era possível apenas com o sacrifício de um espírito poderoso. Mo Yuan estava se recuperando em Kunlun e poucos presentes teriam o necessário para tal feito. É nesse momento que o príncipe herdeiro Ye Hua escolhe dar sua vida em prol de todas as pessoas. Ele mata, definitivamente, Qing Cang, e sela o artefato para sempre. Bai Qian, que há alguns dias vinha evitando Ye Hua por lembrar das tristezas de sua vida como Susu, fica inconsolável. Novamente, ela tenta preservar seu corpo, acreditando no

retorno de seu noivo. Isso gera um atrito entre ela e a Tribo Celestial, que termina por enterrar Ye Hua em um caixão de cristal, no Mar da Inocência.

A história termina quando, três anos depois de sua morte, Ye Hua volta a vida, como resultado da aura divina de onde fora enterrado. Bai Qian, que para esquecer de sua dor viajava o mundo com seu irmão, descobre a notícia. Imediatamente, ela sai em busca do príncipe, até que descobre que ele o esperava no Bosque dos Pessegueiros, um lugar que fazia parte de suas memórias mais importantes. O encontro final acontece (figura 11), e Bai Qian viveu, assim, seu amor com Ye Hua em três vidas: Si Yin, Susu e Bai Qian.

Figura 11: Cena final com Bai Qian e Ye Hua, no Bosque dos Pessegueiros



Fonte: Amor Eterno, 2017

3.2.2 Ficha Técnica

Número de episódios: 58

Duração dos episódios: 45 minutos

Período de transmissão: 30 de janeiro de 2017 a 1 de março de 2017

Direção: Lin Yufen; Yu Cuihua; Ren Haitao

Diretora de Criação: Lin Yufen

Roteirista: Hong Qiu

Produção: Gcoo Entertainment; Jay Walk Studio; San Weihuo

3.2.3 Análise

A série Amor Eterno, como é característico do gênero *xianxia*, não determina um período histórico específico em sua trama. Ou seja, por se tratar de um mundo fantasioso, o que encontramos ao longo dos episódios não são enredos que retratam acontecimentos reais. Ainda assim, podemos apontar vários elementos que evocam a história e cultura chinesa nessa série.

Um dos primeiros pontos que observamos é a presença de uma lógica confucionista no que diz respeito às relações entre os personagens, bem como o que eles consideram como virtudes e moral. A organização hierárquica é percebida com frequência, tanto nas relações intrafamiliares, como em relações entre mestre e discípulo, altos deuses e imortais, imperador e seus subordinados. Bai Qian, ainda que fosse uma alta deusa, precisava de seus pais para acertar a data de seu casamento. Ye Hua, o príncipe herdeiro, dependia de autorização do imperador para seguir em suas missões.

Uma forma bastante explícita de reconhecer a relação de respeito é o que, na China, é chamado de *koutou*⁷⁵, ou, em português, reverência. No pensamento confucionista, o gesto combina a virtude do respeito à etiqueta social, ambos essenciais para a manutenção da harmonia, segundo essa concepção. É interessante observar que, assim como o respeito aos mais velhos – pais, avós, professores etc -, o *koutou*, percebido diversas vezes em Amor Eterno, também permanece vivo até hoje na cultura chinesa. As figuras 12, 13 e 14 mostram essa conexão entre o passado, a ficção e a atualidade, respectivamente.

Figura 12: Pintura do período Song retratando a prática da reverência



Fonte: BBC News, 2016

⁷⁵ Nas pesquisas para este trabalho, foi constatado que o termo também é usado quando da descrição de relações internacionais da China. É o caso da matéria do The Sydney Morning Herald (2022), cujo título dizia: “China oferece amizade à Austrália, mas espera um *koutou* completo”. Ou seja, o texto estaria utilizando *koutou* como significado de uma suposta submissão esperada da Austrália pela China.

Figura 13: Cena ilustrando Ye Hua prestando reverência ao seu tio



Fonte: Amor Eterno, 2017

Figura 14: Foto de Xi Jinping se curvando a representantes do PCC



Fonte: The New York Times, 2018

Outra valorização da cultura da China que podemos encontrar em Amor Eterno são as simbologias daoístas. Praticamente toda a história é contada em um universo que leva a lógica do “Dao”. Temos a presença de reinos distintos: o reino celestial, o reino fantasma e o reino mortal. Deuses e imortais vivem vidas similares às dos mortais. Até mesmo locais mencionados na série fazem parte das crenças daoístas, como é o caso da Montanha Kunlun, onde Bai Qian vira discípula do deus da guerra.

Mais características próprias do daoísmo podem ser encontradas. Por exemplo, a presença da alquimia e a magia. Esta última, somada à arte marcial – em muito inspirada pelo *kung fu* -, pode ser observada na figura 15. Além disso, ainda sobre daoísmo, a trama busca representar a harmonia entre os opostos, ao que desenvolve personagens bons no reino fantasma, assim como vilões no reino celestial.

Figura 15: Cena de luta em que Mo Yuan utiliza artes marciais e magia



Fonte: Amor Eterno, 2017

Além da utilização das simbologias e valores do confucionismo e daoísmo, Amor Eterno também resgata outros elementos da história da China imperial. Entre os exemplos que podemos citar está a arquitetura, tanto do reino mortal como da tribo celestial, que é característica do período dinástico. A lógica de linhagens de sucessão também é representada na série, com o Imperador mortal e seu filho, e na relação entre Ye Hua, o príncipe herdeiro e seu avô, o Imperador celestial.

Sobre esses elementos, há ainda uma herança cultural bastante rica que é acionada na série: a arte. Na vestimenta, na caligrafia, na pintura e na música podemos encontrar qualidades que, ainda que adaptadas à atualidade – como é o caso da vestimenta -, buscam referências nas obras do período dinástico. A figura 16 mostra um exemplo de elemento da arte tradicional chinesa vista na série: o *guzheng*, um instrumento que se assemelha a uma cítara, originado na China. O mesmo instrumento foi visto anteriormente, na figura 5, justamente quando abordamos sobre a arte no período da China dinástica.

Figura 16: Cena em que Mo Yuan toca *guzheng* para Bai Qian



Fonte: Amor Eterno, 2017

Somada a essa bagagem cultural que a série compartilha, ela também exhibe um pouco das belezas naturais da China. Um dos principais momentos em que isso é percebido é na paisagem de Qing Qiu, terra da protagonista, Bai Qian. Além de estar presente frequentemente ao longo da série, ela também está na cena de abertura de todos os episódios, como podemos ver na figura 17. Outro ícone da beleza natural da China são as flores de pessegueiro – aqui, presente até mesmo em um dos nomes da série. A árvore, que é originária do território chinês, tem grande destaque na trama, já que o Bosque dos Pessegueiros é cenário para vários momentos importantes.

Figura 17: Cena de abertura da série, com paisagem de Yunnan, no sudoeste da China.



Fonte: Amor Eterno, 2017

O que foi brevemente apresentado até aqui faz parte da identidade do povo chinês, seja através da história, do comportamento ou dos valores. Afinal, como vimos em Pinheiro-Machado (2013), os princípios do confucionismo e daoísmo, por exemplo, são vividos até hoje na China. Outro fator importante da cultura do país é o mandarim, idioma que, com a exportação de séries como Amor Eterno, desfruta de uma oportunidade de alcançar mais pessoas em outros países.

Tanto o formato do produto exportado – uma série para a TV -, como aquilo que ele revela, permitem entender Amor Eterno como disseminadora da cultura chinesa. Com isso, o título teria características daquilo que é considerado como recurso cultural na lógica de *soft power*. Não obstante, conforme exposto no início deste trabalho, há uma série de outros fatores a serem analisados para entender melhor o potencial de geração de *soft power* de um determinado instrumento.

Uma das reflexões que podemos trazer é quanto ao apontamento de Nye (2004), quando diz que um recurso de *soft power* terá maior propensão de ser eficaz em casos em que há similaridade cultural entre os países. Este com certeza não é o contexto da China, já que sua cultura é fundamentada e se manifesta de forma muito diferente da que vemos no Ocidente. Mesmo dentro da Ásia, em diferentes graus, a identidade também é bastante distinta.

Outra característica de Amor Eterno é que essa foi uma série produzida e distribuída pela iniciativa privada. Ou seja, não houve participação direta do Estado chinês para que ela fosse realizada. De toda forma, como apresentamos inicialmente, o fato de uma manifestação cultural partir da esfera privada não retira a possibilidade desta se tornar um recurso de *soft power*.

No entanto, como relatamos, a China se utiliza de órgãos estatais para realizar um tipo de controle do conteúdo midiático. Essa informação é amplamente conhecida – ainda que não se tenha informações detalhadas -, tornando esse processo um fator relevante da produção de uma série chinesa. Em sociedades liberais, ainda que Amor Eterno tenha dezenas de pontos positivos enquanto recurso de *soft power*, a noção de que sua realização passou pelo controle do Estado chinês, como parte do contexto, poderia minar os seus resultados.

Por outro lado, por conta de suas características, uma série do gênero *xianxia*, como Amor Eterno, anularia ou reduziria a percepção de que esta seria um instrumento explícito de propaganda, já que, com o contexto de fantasia e referências históricas prévias à atual

República Popular da China, o referido produto não se referiria a nenhum aspecto político do país. Então, de acordo com o que fora apresentado anteriormente, o não reconhecimento de um produto cultural como propaganda facilita que ele se torne um recurso de *soft power*.

Todavia, o controle não é a única forma com a qual a China costuma se envolver com a produção. Pouco mais de um ano antes do lançamento de Amor Eterno, por exemplo, o governo do país colocou em vigor vários incentivos fiscais⁷⁶ para o setor da indústria cultural. Ainda que a série tenha partido da iniciativa privada, ela dispôs de incentivos do Estado para que pudesse acontecer e tivesse sua exportação facilitada. Poucos anos antes, a China havia declarado, através de seu presidente, a importância de fortalecer sua cultura no mundo.

Ainda sobre a relação do governo chinês com a produção televisiva do gênero *xianxia* e, mais especificamente, a série Amor Eterno (2017), encontramos a intenção de sua disseminação através da comunicação da Embaixada da China no Brasil. Em sua conta oficial no Instagram (@embaixadachina), em março de 2023, a Embaixada fez uma publicação⁷⁷ cujo texto principal dizia “3 *c-dramas* para vocês se apaixonar pelo gênero *xianxia*”. Nessa lista, como se vê na figura 18, a primeira sugestão do órgão diplomático é a série Amor Eterno.

⁷⁶Segundo dados do China Briefing (2015). Disponível em: <https://www.china-briefing.com/news/investing-in-chinas-entertainment-and-media-market-lifted-restrictions-and-tax-incentives/?hilit=media+market+lifted+restrictions>. Acesso em 08 de dezembro de 2022.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbPulURLb5Z>. Acesso em: 10 dezembro de 2022.

Figura 18: publicação com menção à série.



Fonte: Instagram, em conta oficial da Embaixada da China no Brasil, 2022

Se observarmos os elementos da série, sua produção e a relação do governo chinês de maneira isolada, percebemos que há diversos pontos que podem definir a mesma como recurso de *soft power* para o país.

Nas pesquisas apresentadas percebemos que o principal aspecto que prejudica a imagem da China em outros países é a sua postura política interna e externa – a China enquanto Estado. No entanto, em *Amor Eterno*, o que se destaca são aspectos históricos e culturais do país – a China enquanto sociedade –, aspecto, em geral, bastante apreciado no exterior. O investimento nesse tipo de recurso, portanto, configura-se numa convincente estratégia de relações públicas internacionais a ser utilizada na busca por *soft power*.

Ainda sobre isso, uma questão a ser considerada, especialmente nos dias de hoje, é que a relação da China com alguns países – como os Estados Unidos, por exemplo, no contexto de Taiwan – está fortemente tensionada, até mesmo em nível bélico. Aqui cabe refletir: em um caso como este, quais recursos seriam suficientes para compensar os efeitos negativos do *hard power* na imagem do país asiático no exterior?

Acreditamos que esse seja um caso em que um trabalho conjunto entre diplomacia pública e relações públicas internacionais seria necessário. Exemplificando, em um planejamento estratégico com objetivo de aumentar o *soft power* da China, a primeira área – por sua intersecção com as relações internacionais - tem mais capacidade de diagnosticar esse

tipo de cenário belicoso. O olhar de relações públicas internacionais, por sua vez, pode complementar esse diagnóstico sob a ótica da comunicação, com pesquisa de públicos, planejamento estratégico e gestão de imagem e reputação. O resultado permitiria entender os cenários onde o potencial de Amor Eterno enquanto recurso de *soft power* - que exploramos neste trabalho - seria melhor utilizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros passos desta pesquisa, percebemos que estudar a China seria um desafio em vários aspectos, como mencionado anteriormente. Por isso, a revisão bibliográfica demandou grande dedicação, assim como o panorama histórico e a análise necessitaram de constante cuidado metodológico. Conduzimos esta pesquisa sob a ótica das relações públicas, culminando também em intersecções com reflexões caras à área das relações internacionais.

Iniciamos este trabalho construindo uma base teórica para a posterior análise. Nessa etapa, compreendidas as circunstâncias do objeto e dos objetivos, discorremos sobre o conceito de *soft power*, bem como das relações públicas internacionais. A inter-relação dos dois conceitos – e das duas áreas – se fez importante para encontrar, mais tarde, uma análise mais rica e coesa, que desse conta das complexidades do objeto.

Em seguida, construímos um breve resgate histórico – tarefa desafiadora quando o país em questão tem milhares de anos de história – que pudesse proporcionar uma noção mais clara de aspectos culturais da China. Encontramos elementos que, oriundos do período dinástico, ainda fazem parte da identidade do povo chinês. Com a história mais recente, também pudemos compreender mais sobre o que está por trás de aspectos da atualidade política do país. Atualidade esta que também foi abordada, agregando a isso a verificação da condição do *soft power* chinês.

Com essa construção, adquirimos base teórica e conhecimento contextual que permitiu prosseguir para a análise. Nela, investigamos o potencial do gênero *xianxia*, através da série Amor Eterno, como um recurso de *soft power* para a China. Para isso, identificamos aspectos positivos e possíveis desafios que esse tipo de produção pode enfrentar em determinados contextos.

É perceptível que Amor Eterno tem características que permitem construir uma boa imagem da China no exterior, gerando admiração e atração pelo país. O *xianxia* carrega uma carga cultural rica, que destaca aspectos que já recebem aprovação em outros países. Através de séries do gênero, é possível ter contato com história, arte e pensamento da China. E, apesar da referida cultura ser intensamente distinta da de outros países, a série apresenta um ponto de convergência com um dos produtos televisivos mais consumidos no mundo: o drama⁷⁸.

⁷⁸ Dados coletados pela Parrot Analytics - empresa de tecnologia que, com um algoritmo complexo, monitora as demandas em mais de 16 ambiências da internet - revelam que, em diversos países, como Brasil, Estados Unidos, Países Baixos, Alemanha, Coreia, Austrália e a região norte da África, o drama é o gênero televisivo favorito.

Em conclusão, esperamos que as reflexões elaboradas ao longo deste trabalho possam contribuir com futuros debates acerca da relação entre *soft power* e as relações públicas internacionais. O “encolhimento” do globo e o acirramento do uso de recursos de *soft power* pedem o amadurecimento dessa conexão, na academia e fora dela. No mesmo sentido percebemos que a complexidade histórica, cultural e política da segunda maior economia do mundo tem muitas lições para compartilhar. Ao que, por fim, desejamos que este trabalho possa encorajar outras pesquisas acerca da China, um país com uma história milenar, com grande potencial de pesquisa na área de relações públicas internacionais.

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Khalid. **Public Relations Communication in Public Diplomacy**. LAP LAMBERT Academic Publishing, 2018.
- ALBERT, Eleanor. **China-Taiwan Relations**. Council on Foreign Relations, 2016. Disponível em: <https://css.ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/resources/docs/CFR-China-Taiwan%20Relations.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2023.
- ALLEN, Karen. The kowtow of a Chinese son and the debate about respect. **BBC News**, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-35553120>. Acesso em: 3 de março de 2023.
- AMOR Eterno [Seriado]. Direção de Lin Yufen, Yu Cuihua e Ren Haitao. China: Goo Entertainment, 2017. 58 episódios (44 horas), son., color. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 2 de novembro de 2022.
- ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Curso de relações públicas: relações com os diferentes públicos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- BALDISSERA, Rudimar. Imagem-conceito, a indomável orgia dos significados. In: **XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2 a 6 de setembro de 2003, Belo Horizonte - MG. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/153123924449786705272328536034511322801.pdf>. Acesso em: 5 de dezembro de 2022.
- BALDISSERA, Rudimar. Significação e comunicação na construção da imagem-conceito. **Revista Fronteira - estudos midiáticos**. São Leopoldo, v. 10, n. 3, p. 193-200, set.-dez./2008. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/5397>. Acesso em: 5 de dezembro de 2022.
- BALLERINI, Franthiesco. **Poder suave (soft power)**. São Paulo: Summus, 2017.
- BASTOS, Aline. Relações Públicas Internacionais: um estudo comparativo das relações públicas no Brasil e na China. **Comunicarte**, Campinas, v. 30, n. 41, p. 51-64, jul.-dez. 2010.

Disponível em: <https://issuu.com/puc-campinas-cle/docs/rc.n41.v30>. Acesso em: 26 de novembro de 2022.

BERGSTEN, C. et al. **China's Rise: Challenges and Opportunities**. [s.l.] Peter G. Peterson Institute, 2008.

CHANG, Eric. Taiwan chip exports increased in 2022 for 7th straight year. **Taiwan News**, 2023. Disponível em: <https://www.taiwannews.com.tw/en/news/4782557>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

CHANG, Jung. **Mao**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHEN, Carolyn. Playing Guqin: Learning the instrument of philosophers and sages. **American Academy in Berlin**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.americanacademy.de/playing-guqin/>. Acesso em: 17 de março de 2023.

China releases white paper on Taiwan question, reunification in new era. **Conselho de Estado da República Popular da China**, 2022. Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/202208/10/content_WS62f34f46c6d02e533532f0ac.html. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.

CLOUTIER, Jean Francois. Eternal Love: le drama chinois est en streaming sur Netflix. **TVQC**, 2018. Disponível em: <https://www.tvqc.com/2018/11/17/chaine/netflix/eternal-love-le-drama-chinois-est-en-streaming-sur-netflix/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2022.

Congresso Nacional do Povo da República Popular da China, 2023. Constituição da República Popular da China. Disponível em: http://www.npc.gov.cn/zgrdw/englishnpc/Constitution/node_2825.htm. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

COOMBS, Timothy; SIGNITZER, Benno. Public relations and public diplomacy: Conceptual convergences. **Public Relations Review**, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 137-147, 1992. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/036381119290005J>. Acesso em: 07 de dezembro de 2022.

COUTO, Sérgio Pereira. **A Extraordinária História da China**. São Paulo: Universo dos livros, 2013.

(CPC Congress) Update: Xi calls for building cultural confidence, strength. **Xinhuanet**, 2022. Disponível em: <https://english.news.cn/20221016/fc9a4a8d3fe440c98edc9931689389a5/c.html>. Acesso em 14 de dezembro de 2022.

CROTONMEDIA. **CrotonMedia**, [s.d.] Homepage. Disponível em: <http://www.croton.com.cn/Eng/#about2>. Acesso em: 04 de dezembro de 2022.

CULBERTSON, Hugh; CHEN, Ni. **International Public Relations**. [s.l.] Routledge, 2013.

DAMATTA, Roberto. **Explorações**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DANTAS, Guibson. **O que é, afinal, Relações Públicas?** In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, 2016, Curitiba. Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul . São Paulo: Intercom, 2016.

DANTAS, Guibson. **As Relações Públicas Internacionais como instrumento de política externa brasileira: o caso da Declaração de Teerã** . Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, [S. l.], v. 21, n. 46, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/68225>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2023.

DANTAS, Guibson. **T.CHAO: uma proposta de desenho metodológico para Trabalhos de Conclusão de Curso no âmbito das Relações Públicas Internacionais**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 06. ,2023, Boa Vista. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Decision of the Central Committee of the Chinese Communist Party Concerning the Great Proletarian Cultural Revolution. **Peking Review**, Beijing, n. 33, p. 6, ago. 1966. Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/china/peking-review/1966/PR1966-33.pdf>. Acesso em: 01 de março de 2023.

DEMO, Pedro. Cuidado Metodológico: Signo de Qualidade. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 349-373, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/zcmfWdjVjnSFgZP4P5TMcHQ/?lang=pt>. Acesso em: 17 de dezembro de 2023.

Departamento de Estado dos Estados Unidos. Áreas e países: Taiwan, 2023. Disponível em: <https://www.state.gov/countries-areas/taiwan/>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2023.

DIKÖTTER, Frank. **A grande fome de Mao**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

DILLON, Michael. **Deng Xiaoping: The Man who Made Modern China**. Londres, Inglaterra: I.B. Tauris, 2014.

ECONOMY. Government Portal of the Republic of China (Taiwan), 2023. Disponível em: https://www.taiwan.gov.tw/content_7.php. Acesso em: 23 de fevereiro de 2023.

EMBAIXADA DA CHINA NO BRASIL. **3 c-dramas para você se apaixonar pelo gênero xianxia**. Brasília, 18 de março de 2022. Instagram: @embaixadachina. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbPulURLb5Z/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

ETERNAL LOVE. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Eternal_Love&oldid=63435517. Acesso em: 01 de dezembro de 2023.

FAIRBANK, John K.; GOLDMAN, Merle. **China**: Uma nova história. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FALLOWS, James. Their Own Worst Enemy. **The Atlantic**, 2008. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2008/11/their-own-worst-enemy/307056/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

FRANÇA, Bárbara Lisiak de. **HANA YORI DANGO: O FENÔMENO DO DORAMA NO BRASIL**. Monografia (Bacharelado) – Curso de Jornalismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31533>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2023.

GAO, Qin; LIU, Xiaofang. Stand against anti-Asian racial discrimination during COVID-19: A call for action. **International Social Work**, v. 64, n. 2, p. 261–264, mar./2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/0020872820970610>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

GDP (current US\$) - China. **The World Bank**, [s.d.]. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=CN&most_recent_value_desc=true. Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

GE, Liang. Dual ambivalence: The Untamed Girls as a counterpublic. **Media, Culture & Society**, v. 44, n. 5, p 1021-1033, jul./2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/01634437221104713>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2023.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GELBER, Harry G. **O dragão e os demônios estrangeiros**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

GENRE Trend Report - Middle East North Africa (MENA), Q4 2020. **Parrot Analytics**, 2020. Disponível em: <https://www.parrotanalytics.com/insights/genre-trend-mena-oct-dec-2020/>. Acesso em: 05 de março de 2023.

GENRE Trend Report - Argentina 2019 Q4. **Parrot Analytics**, 2020. Disponível em: <https://www.parrotanalytics.com/insights/genre-trend-argentina-2019q4/>. Acesso em: 05 de março de 2023.

GENRE Trend Report - Australia, July to September 2020. **Parrot Analytics**, 2020. Disponível em: <https://www.parrotanalytics.com/insights/genre-trend-australia-jul-sep-2020/>. Acesso em: 05 de março de 2023.

GENRE Trend Report - Brazil, November 2020 to January 2021. **Parrot Analytics**, 2021. Disponível em: <https://www.parrotanalytics.com/insights/genre-trend-brazil-november-2020-january-2021/>. Acesso em: 05 de março de 2023.

GENRE Trend Report - South Korea, May to July 2020. **Parrot Analytics**, 2020. Disponível em: <https://www.parrotanalytics.com/insights/genre-trend-southkorea-may-jul-2020/>. Acesso em: 05 de março de 2023.

GENRE Trend Report - Germany 2019 Q4. **Parrot Analytics**, 2020. Disponível em: <https://www.parrotanalytics.com/insights/genre-trend-germany-2019q4/>. Acesso em: 05 de março de 2023.

GENRE Trend Report - Benelux, May to July 2021. **Parrot Analytics**, 2021. Disponível em: <https://www.parrotanalytics.com/insights/genre-trend-benelux-may-july-2021/>. Acesso em: 05 de março de 2023.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mai./jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de dezembro de 2023.

GONG, Maleen; TSE, Michael. Online Communities and Commercialization of Chinese Internet Literature. **Journal of Internet Commerce**, v. 11, n. 2, p. 100-116, jun./2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15332861.2012.689563>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2023.

GRANHOLM, Alice. **Cosplay – From Concept to Completion**. Monografia (Bacharelado) – Curso de Design, Universidade Häme de Ciências Aplicadas, Hämeenlinna, 2022. Disponível em: <https://www.theseus.fi/handle/10024/753051>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2023.

GRUNIG, James. E.; HUNT, Todd. **Managing public relations**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1984.

HARTCHER, Peter. China offers Australia friendship but expects the full kowtow. **The Sydney Morning Herald**, 2022. Disponível em: <https://www.smh.com.au/national/china-offers-australia-friendship-but-expects-the-full-kowtow-20220606-p5ard4.html>. Acesso em: 04 de março de 2023.

Here are all the words Chinese state media has banned. **The China Project**, 2017. Disponível em: <https://thechinaproject.com/2017/08/01/words-chinese-state-media-banned/>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023.

HUANG, Zhiling. 10 new Confucius Institutes lift global total to 548, boosting ties. **The State Council of the People's Republic of China**, 2018. Disponível em:

http://english.www.gov.cn/news/top_news/2018/12/05/content_281476420215968.htm.

Acesso em: 06 de março de 2023.

JING, Yujuan. **Reconstructing Ancient Chinese Cultural Memory in the Context of *Xianxia* TV Drama**. Dissertação (Mestrado) – Programa de especialização em ciências sociais, mídias digitais e sociedade. Departamento de Mídia e Informática, Universidade Uppsala, Uppsala, 2021. Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?dswid=-2009&pid=diva2%3A1568350>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

JOHNSON, Elsbeth; MITTER, Rana. What the West Gets Wrong About China: Three fundamental misconceptions. **Harvard Business Review**, 2021. Disponível em: <https://hbr.org/2021/05/what-the-west-gets-wrong-about-china>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

KAISER, Marjolijn. Get drunk while wine is still available today (今朝有酒今朝醉)|今朝有酒今朝醉. **ChinaConnectU**, 2012. Disponível em: <https://chinaconnectu.com/2012/02/06/get-drunk-while-wine-is-still-available-today-今朝有酒今朝醉>. Acesso em: 01 de março de 2023.

KEAY, John. **China: a history**. Londres: Harper Perennial, 2009.

KOHN, Livia. (ED.). **Daoism Handbook**. Leida, Holanda: Brill, 2000.

KONG, Lingmin. **Exploring China's Soft Power: Manifestations of the Chinese Dream in Contemporary Practices of Cultural Diplomacy**. York, Inglaterra: University of York, 2019.

KRUKOWSKA, Monika. Chinese Soft Power–Implications and Limits. **Journal of Modern Science**, v. 26, n. 3, p. 193-210, 2015. Disponível em: <https://www.jomswsge.com/Miekka-wladza-Chin-implikacje-i-ograniczenia,81779,0,2.html>. Acesso em: 5 de dezembro de 2022.

LAND area (sq. km) - China. **The World Bank**, [s.d.]. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/AG.LND.TOTL.K2?locations=CN&most_recent_value_desc=true. Acesso em: 13 de dezembro de 2022.

LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira. A economia política da transição chinesa no último quartel do século XX. **Revista Tempo do Mundo**, Brasília, v. 4, n. 3, p. 153-177, dez./2012. Disponível em:

http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6288/1/RTM_v4_n3_Economia.pdf Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

L'ETANG, J.; PIECZKA, M. (Eds.). **Critical perspectives in public relations**. Londres, Inglaterra: International Thomson Business Press. 1996.

LI, Xiaobing. **The history of Taiwan**. [s.l.] Greenwood Publishing Group, 2019.

LIBARDONI, Marlene. Fundamentos teóricos e visão estratégica da advocacy. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 207-207, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11936>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

LIDDLE, Jake. Investing in China's Entertainment and Media Market – Lifted Restrictions and Tax Incentives. **China Briefing**, 2015. Disponível em: <https://www.china-briefing.com/news/investing-in-chinas-entertainment-and-media-market-lifted-restrictions-and-tax-incentives/?hilit=media+market+lifted+restrictions>. Acesso em: 8 de dezembro de 2022.

LIN, Syaru Shirley. **Taiwan's China dilemma: Contested identities and multiple interests in Taiwan's cross-strait economic policy**. Palo Alto, CA, USA: Stanford University Press, 2016.

MALONE, Gifford. **Political advocacy and cultural communication: Organizing the nation's public diplomacy**. Lanham, MD, USA: University Press of America, 1988.

MARTI, Michael E. **A China de Deng Xiaoping**. São Paulo: Nova Fronteira, 2021.

MCCLORY, Jonathan. **The Soft Power 30: a global ranking of soft power**. Portland and USC Center on Public Diplomacy, 2019. Disponível em: <https://softpower30.com/wp-content/uploads/2019/10/The-Soft-Power-30-Report-2019-1.pdf>. Acesso em: 30 de novembro de 2022.

MELISSEN, Jan. **The new public diplomacy: soft power in international relations**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

MEISSNER, Werner. China's Search for Cultural and National Identity from the Nineteenth Century to the Present. **China Perspectives**, [s.l.], 68, p. 41 – 54, nov./dez. 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/chinaperspectives/3103>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2023.

Ministério das Relações Internacionais da República da China (Taiwan), 2023. Aliados diplomáticos. Disponível em: <https://en.mofa.gov.tw/AlliesIndex.aspx?n=1294&sms=1007>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2023.

MOST Americans Have ‘Cold’ Views of China. Here’s What They Think About China, In Their Own Words. **Pew Research Center**, 2021. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2021/06/30/most-americans-have-cold-views-of-china-heres-what-they-think-about-china-in-their-own-words/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

MOUNT PENGLAI. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Mount_Penglai&oldid=1140454267. Acesso em: 26 de fevereiro de 2023.

NYE, Joseph. **Soft Power: the means to success in world politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

NYE, Joseph. The Limits of Chinese Soft Power. **Project Syndicate**, 2015. Disponível em: <https://www.project-syndicate.org/commentary/china-civil-society-nationalism-soft-power-by-joseph-s--nye-2015-07>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

Observatory of Economic Complexity (OEC), 2023. Perfis: Taipei chinesa. Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/twn>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

OHNESORGE, Hendrick. **Soft power: the forces of attraction in international relations**. Cham, Suíça: Springer, 2020.

Only matter of time before major incident if China continues S.China Sea behavior-U.S. **Reuters**, 2022. Disponível em:

<https://www.reuters.com/article/usa-china-southchinasea-risk-idUKL1N2Z71LE>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2023.

ORGANSKI, Abramo F. K. **World Politics**. [S.l.]: Knopf, 1958.

Painting during the Tang Dynasty. **The Blue Box Project at Creighton University**, [s.d.]

Disponível em:

<https://bluebox.creighton.edu/demo/modules/en-boundless-old/www.boundless.com/art-history/textbooks/boundless-art-history-textbook/chinese-and-korean-art-before-1279-ce-14/the-tang-dynasty-99/painting-during-the-tang-dynasty-466-5355/images/wu-daozi-the-teaching-confucius-685-758/index.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2023.

Peaceful means first choice to resolve Taiwan question: spokesperson. **Conselho de Estado da República Popular da China**, 2022. Disponível em: http://english.www.gov.cn/news/topnews/202210/15/content_WS634aa1c5c6d0a757729e13b2.html. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.

PINENT, Carlos. **Breve introdução à história da China**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **China, passado e presente**: um guia para compreender a sociedade chinesa. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2013

PODER. *In*: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/poder/>. Acesso em: 30 de novembro de 2022.

POPULATION, total - China. **The World Bank**, [s.d.]. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicador/SP.POP.TOTL?locations=CN&most_recent_value_desc=true. Acesso em: 13 de dezembro de 2022.

POR que a economia chinesa deve passar a dos EUA em 2028, 5 anos antes do previsto. **BBC News Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55496970>. Acesso em: 11 de dezembro de 2022.

PROSEKOV, Sergei. Confucianism and Its Influence on Deng Xiaoping's Reforms. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONTEMPORARY EDUCATION, SOCIAL SCIENCES AND HUMANITIES, 3., 2018, Moscou. **Anais eletrônicos [...]** [s.l.]: Atlantic

Press, 2016. P. 1528 – 1531. Disponível em: <https://www.atlantis-press.com/proceedings/iccsh-18/25898229>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2023.

RAKUTEN Viki Bolsters Chinese Content Offering Acquiring Series Collection From Croton Media. **Viki Blog**, 2019. Disponível em: <https://blog.viki.com/rakuten-viki-bolsters-chinese-content-offering-acquiring-series-collection-from-croton-media-d74814553a1>. Acesso em: 03 de março de 2023.

ROZI, Fahrur. Confucian Concept of Self-Cultivation and Social Harmony. **International Journal of Language and Linguistics**, v. 7, n. 2, p. 129-136, jun./2020. Disponível em: https://ijllnet.com/journals/Vol_7_No_2_June_2020/15.pdf. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

RUDD, Kevin. What the West Doesn't Get About Xi Jinping. **The New York Times**, 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/20/opinion/xi-jinping-china-west.html>. Acesso em 03 de março de 2023.

SILVA, Vagner. **Uma perspectiva internacional para as Relações Públicas**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, Rio de Janeiro, 2005.

SILVER, Laura; DEVLIN, Kat; HUANG, Christine. China's Economic Growth Mostly Welcomed in Emerging Markets, but Neighbors Wary of Its Influence. **Pew Research Center**, 2019. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2019/12/05/chinas-economic-growth-mostly-welcomed-in-emerging-markets-but-neighbors-wary-of-its-influence/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

SILVER, Laura; HUANG, Christine; CLANCY, Laura. How Global Public Opinion of China Has Shifted in the Xi Era. **Pew Research Center**, 2022. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2022/09/28/how-global-public-opinion-of-china-has-shifted-in-the-xi-era/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas: função política**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1995.

TAIWAN, 2023. Política e diplomacia. Disponível em: <https://www.taiwan.gov.tw/politics.php>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

TAIWAN, 2023. História. Disponível em: https://www.taiwan.gov.tw/content_3.php. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

TAIWAN, 2023. Sobre Taiwan, Disponível em: <https://www.taiwan.gov.tw/about.php>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

TAOISM and cultivation. **Taoist Studies Institute**, 2018. Disponível em: <https://www.taoiststudiesinstitute.org/taoism--cultivation.html>. Acesso em: 02 de janeiro de 2023.

TIONG, Wei Jie. From Story of Yanxi Palace to Three Body, China's TV exports could do what Wolf Warrior diplomacy hasn't. **South China Morning Post**, 2023. Disponível em: <https://www.scmp.com/comment/opinion/article/3211185/story-yanxi-palace-three-body-china-tv-exports-could-do-what-wolf-warrior-diplomacy-hasnt>. Acesso em: 03 de março de 2023.

TUCH, Hans N. **Communicating with the World: U.S. Public Diplomacy Overseas**. New York: St. Martin's Press, 1990.

TZU, Sun. **A arte da guerra: por uma estratégia perfeita**. Tradutores: Heloísa Sarzana Pugliesi e Márcio Pugliesi. São Paulo: Madras, 2005.

UNITED States TV genre demand report. **Parrot Analytics**, 2019. Disponível em: <https://www.parrotanalytics.com/insights/united-states-tv-genre-demand-report/>. Acesso em: 05 de março de 2023.

VEIGA, Edison. Como a segurança do papa evoluiu, 50 anos depois do atentado contra Paulo 6º. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55107703#:~:text=Historicamente%2C%20a%20Guarda%20Su%C3%AD%20cuida,as%20apari%C3%A7%C3%B5es%20p%C3%ABlicas%20do%20papa>. Acesso em: 19 de dezembro de 2022.

VERGUN, David. Official says U.s. committed to Taiwan's defense. **Departamento de Defesa dos Estados Unidos**, 2022. Disponível em:

<https://www.defense.gov/News/News-Stories/Article/Article/3221243/official-says-us-committed-to-taiwans-defense>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2023.

WALLER, Jian. Michael. **The Public Diplomacy Reader**. [S. l.]: The Institute of World Politics Press, 2007.

WANG, J. **Soft power in China Public diplomacy through communication**. Basingstoke, Inglaterra: Palgrave Macmillan, 2011.

WANG, Robin. Yinyang (Yin-yang). **Internet Encyclopedia of Philosophy**, [s.d.]. Disponível em: <https://iep.utm.edu/yinyang/>. Acesso em: 12 de março de 2023.

WANG, Yi'e. **Daoism in China**. Beijing, China: China Intercontinental Press, 2004.

WILCOX, Dennis et al. **Public relations strategies and tactics**. 7. ed. Boston: Edition Allyn and Bacon, 2003.

WILSON, Ernest. Hard Power, Soft Power, Smart Power. **American Academy of Political and Social Science**, [s.l.], v. 616, n. 1, p. 110–124. 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0002716207312618>. Acesso em: 07 de dezembro de 2022.

WOOD, Michael. **História da China: O retrato de uma civilização e de seu povo**. São Paulo: Crítica, 2022.